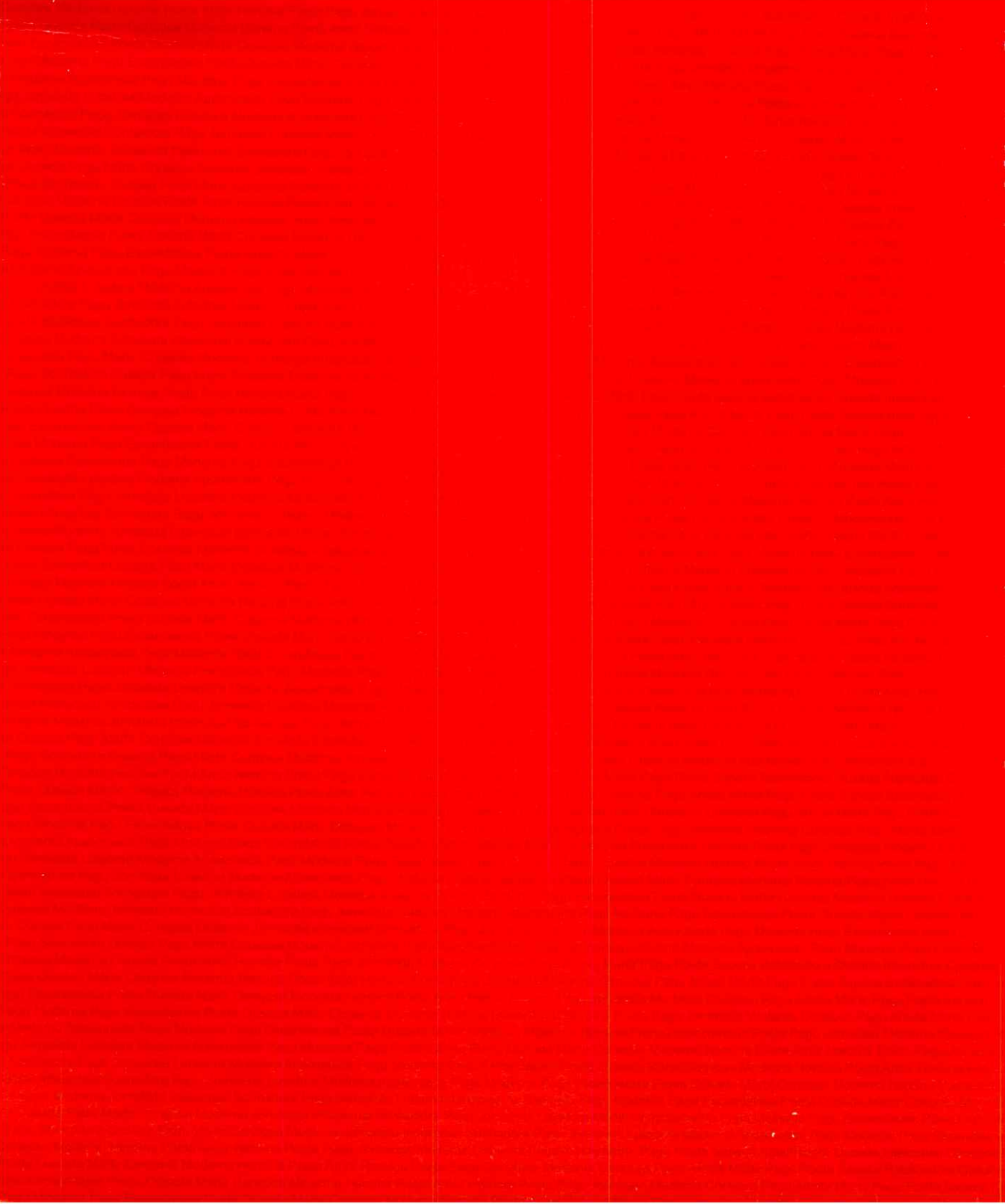


ORDEN DO MÉRITO CULTURAL 2011



ORDEM DO MÉRITO CULTURAL 2011

DESCUBRA UM PAÍS DE CULTURA,
UM BRASIL QUE FAZ A DIFERENÇA.

PAGU

SONHO, LUTA E PAIXÃO

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Vice-Presidente
Michel Temer

Ministra da Cultura
Ana de Hollanda

Secretário Executivo
Vitor Ortiz

Secretário de Articulação Institucional
João Roberto Peixe

Secretária do Audiovisual
Ana Paula Santana

Secretária de Cidadania Cultural
Secretária de Cidadania e
Diversidade Cultural (em estruturação)
Márcia Helena Gonçalves Rollemberg

Secretário de Fomento e
Incentivo à Cultura
Henilton Parente de Menezes

Secretária da Identidade e
da Diversidade Cultural
Secretária da Economia
Criativa (em estruturação)

Cláudia Sousa Leitão

Secretário de Políticas Culturais
Sergio Mamberti

Presidente da Agência
Nacional de Cinema
Manoel Rangel

Presidente do Instituto
Brasileiro de Museus
José do Nascimento Junior

Presidente do Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional
Luiz Fernando de Almeida

Presidente da Fundação
Biblioteca Nacional
Galeno de Amorim Júnior

Presidente da Fundação
Casa de Rui Barbosa
Wanderley Guilherme dos Santos

Presidente da Fundação
Cultural Palmares
Eloi Ferreira de Araujo

Presidente da Fundação
Nacional de Artes
Antonio Grassi

**Secretário Executivo
da Ordem do Mérito Cultural**
Vitor Ortiz

Chefe do Gabinete
Maristela Rangel

Representação Regional Nordeste do MinC
Fábio Lima e Equipe

Coordenador de Comunicação Social
Nei Bomfim

**Coordenador Executivo
da Ordem do Mérito Cultural/
Chefe de Cerimonial**
Cleusmar Fernandes

**Coordenadora da Assessoria
de Comunicação Social**
Valéria Gonzalez

Equipe de Produção/Cerimonial

Maria Teresa Huang

Anagilza Franco

Edirley Honório

Eliane Rodrigues

Lucas Carvalho

Márcia Uchoa

Thiago Andrade

Redação e revisão

Fabio Grecchi

Luís Cláudio Guedes

Edição

Heli Espíndola

Design Gráfico

Ygor Bernardes

Clara Farias

Marina Ofugi

Colaboradores

Eugenia Vitorino

Edna do Espírito Santo

Eliane Santos

Erika Haguihara

Hemily Rodrigues

Isabel Cristina Machado

Jamyla Romero

Katiana Santos

Marcelo Leal

Marcelo Mesquita

Maria José Rabelo

Marta Bernardete Romero

Sônia Maria de Sousa

Renan Carvalho

Renato Carvalho

Zífa Scalia

O USO DE TODAS AS IMAGENS FOI AUTORIZADO PELOS AGRACIADOS E/OU RESPECTIVOS REPRESENTANTES

SUMÁRIO

Introdução 1

Academia Brasileira de Letras 5

Adriana Varejão 6

Afonso Borges 7

Ana Montenegro 8

Antonio Nobrega 9

Antonio Pitanga 10

Apolonio Melonio 11

Associação Capão Cidadão 12

Associação dos Artesãos de
Santana de Araçuaí 13

Beth Carvalho 14

Betinho 15

Campos de Carvalho 16

Capiba 17

Casa Wariró 18

Chico Diaz 19

Clarice Lispector 20

Claudett Ribeiro 21

CUFA 22

Espedito Seleiro 23

Festival de Dança de Joinville 24

Festival Santista de Teatro 25

Glênio Bianchetti 26

Grupo Dançando para não Dançar 27

Grupo Tradições Culturais
Samba de Cumbuca 28

Grupo DZI Croquettes 29

Grupo Galpão 30

Gustavo Dahl 31

Héctor Babenco 32

Helena Kolody 33

Íttala Nandi 34

Jair Rodrigues 35

João das Neves 36

João do Vale 37

José Renato 38

Leila Diniz 39

Lélia Abramo 40

Luiz Melodia 41

Lygia Bojunga 42

Maracatu Estrela de Tracunhaém 43

Mario Lago 44

Memorial Jesuíta Unisinos 45

Nelson Cavaquinho 46

O Pedreiro 47

Paulo Freire 48

Paulo Gracindo 49

Quinteto Violado 50

Tablado 51

Tereza Costa Rêgo 52

Valdemar de Oliveira 53

Vik Muniz 54

Zuzu Angel 55

Este ano, a cerimônia de entrega das medalhas da Ordem do Mérito Cultural acontece no Recife, a bela e forte capital pernambucana. E a grande homenageada é Pagu (Patrícia Rehder Galvão), mulher extraordinária, raro exemplo de militância cultural, política e existencial, sempre de uma perspectiva inovadora e transformadora.

A escolha de Pernambuco reforça a nossa visão da riqueza e da multiplicidade culturais do Brasil. E Pernambuco vive hoje um momento novo e especial de sua história, expressando-se com vigor nos mais diversos campos do fazer e do criar. A terra dos antigos canaviais escravistas cresce agora em horizonte de intenso desenvolvimento econômico e social. Mas sabendo preservar suas tradições e, ao mesmo tempo, inovar. Preservação e inovação de que são exemplos, entre muitas outras coisas, a permanência do maracatu, com suas cores sempre vivas, e a produção do novo cinema pernambucano.

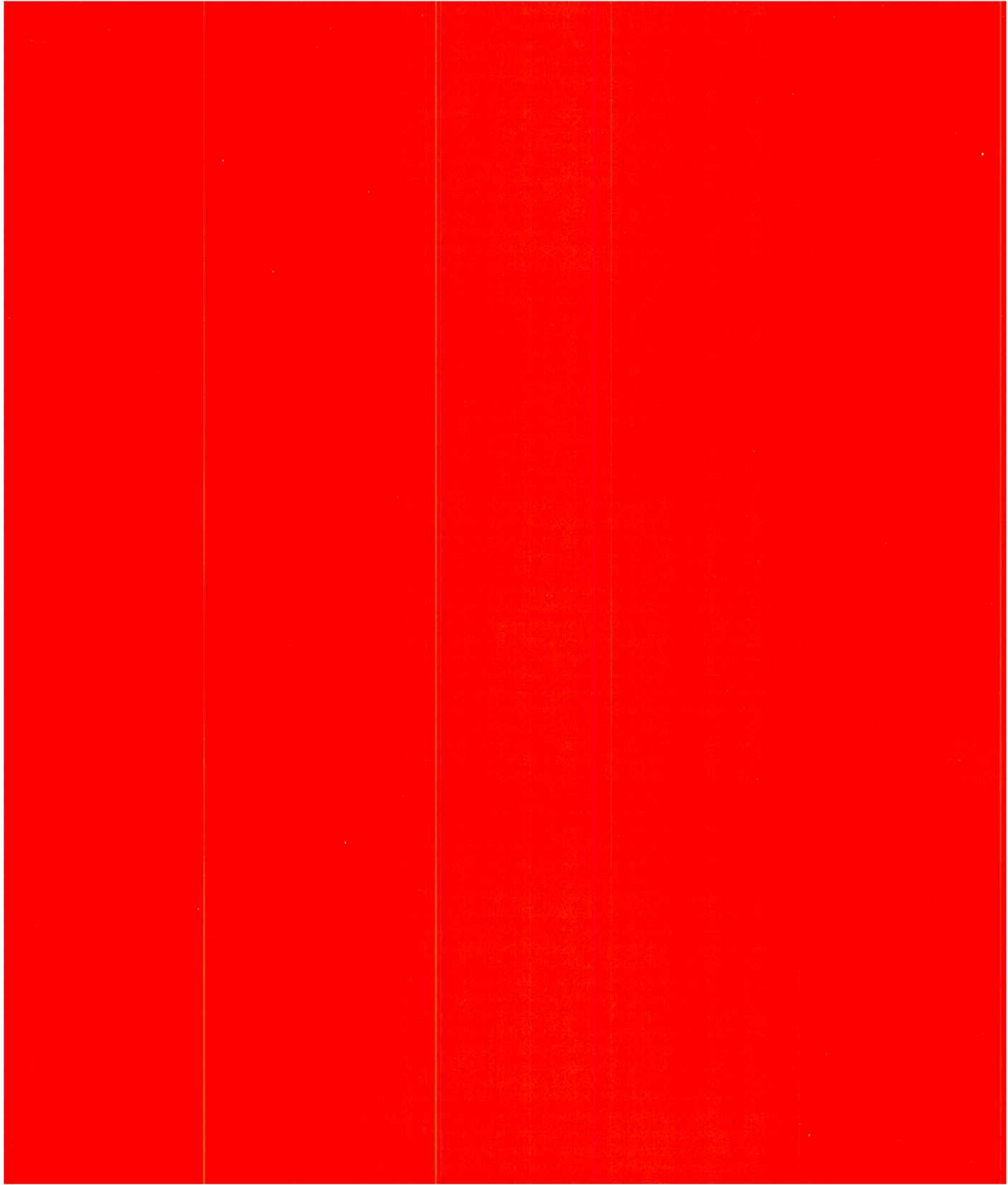
A seleção das pessoas condecoradas, recebendo nosso reconhecimento público e oficial, foi feita com carinho e rigor, distinguindo grandes brasileiras e grandes brasileiros, que atuaram e atuam no sentido da transformação de nossas vidas, revelando o país a si mesmo, em suas muitas faces e matizes.

Muitas dessas pessoas permanecem vivas entre nós, levando adiante seus trabalhos, mantendo acesa a criatividade nacional. Outras já deixaram o nosso convívio, mas não sem antes despertar sensibilidades e consciências, marcando-nos para sempre.

Além disso, as medalhas da Ordem do Mérito Cultural vão tanto para personalidades individuais, quanto para atores ou agentes coletivos da vida cultural brasileira. Celebramos, assim, ao mesmo tempo, o trabalho necessariamente solitário e o trabalho necessariamente solidário.

E não por acaso usei a palavra *celebração*. A cerimônia da entrega da Ordem do Mérito Cultural é um momento de reconhecimento e celebração. Uma festa em homenagem àqueles que, com seu desempenho, enriquecem e engrandecem o nosso país, expressando verdades e virtudes de nosso povo.

Ana de Hollanda
Ministra da Cultura



AGRACIADOS ORDEM DO MÉRITO CULTURAL 2011



Nos moldes da Academia Francesa, que a inspirou, a ABL reúne a nata da intelectualidade e do humanismo brasileiros. Foi fundada no Rio de Janeiro, em 20 de julho de 1897, pelos escritores Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Inglês de Souza, Olavo Bilac, Graça Aranha, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, dentre outros.

Machado de Assis, O Bruxo do Cosme Velho, é considerado seu presidente perpétuo. Por causa disso, a ABL será sempre conhecida como a Casa de Machado de Assis.

A atual sede da Academia, na Avenida Presidente Wilson, é uma réplica do Petit Trianon de Versailles, instalado no Pavilhão Francês, construído por ocasião da Exposição do Centenário da Independência do Brasil e que se tornou sede da ABL em 1923. O Petit Trianon está tombado desde 9 de novembro de 1987.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Os salões da ABL abrigam reuniões regulares, sessões solenes comemorativas, sessões de posse dos novos acadêmicos, além do tradicional chá das quintas-feiras. A Academia dispõe de 40 cadeiras, cujos membros se sucedem com a morte do ocupante anterior.

O atual presidente da ABL é o advogado, ensaísta e poeta Marcos Vilaça. O integrante mais antigo é o senador José Sarney e o mais novo, o jornalista Merval Pereira.

ADRIANA VAREJÃO



Adriana é cria dos cursos livres da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, entre 1981 e 1985. Inquieta, sua obra não se resume à pintura: passa pela fotografia, pelo audiovisual, pelo desenho e chega à cenografia.

Suas obras, que se situam entre a pintura e o relevo, têm grande projeção no exterior. A tela *Parede com Incisões a la Fontana II* alcançou o preço de US\$ 2,7 milhões no leilão de arte contemporânea da Christie's, em Londres, em 16 de fevereiro passado, batendo o recorde de valor para a obra de um artista vivo do Brasil

Adriana fez sua primeira exposição individual em 1988, na Galeria Thomas Cohn, no Rio de Janeiro. Hoje, seus trabalhos compõem acervos de museus como o Guggenheim (Nova York) e a Tate Modern Gallery (Londres).

Como cenógrafa, Adriana já formou um currículo respeitável. Estreou na nova modalidade em 2006, na ópera *Idomeneu*, de Mozart, encenada no Theatro Municipal do Rio. Em 2009, com a ópera *Erwartung*, de Schönberg, repetiu a experiência no Grande Teatro do Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Foi dela também, em 2008, a apresentação do pavilhão permanente do Inhotim Centro de Arte Contemporânea, em Brumadinho (MG).

AFONSO BORGES

Escritor, produtor cultural e empresário, Afonso Borges representa a intelectualidade de Belo Horizonte. Criou, coordena e desenvolve o projeto Sempre Um Papo, considerado uma das mais respeitadas ações de incentivo à leitura no país. Criado há 23 anos, o projeto realizou mais de dois mil eventos e reuniu cerca de um milhão de pessoas em 27 cidades, de oito estados, além do Distrito Federal.

Tem quatro livros publicados: *Retrato de Época* (1980), *Bandeiras no Varal* (1983), *Profecia das Minas* (1993) e *Sinal de Contradição – Conversas com Frei Betto* (1988). Este último foi publicado também na Suíça e na Argentina.



O escritor colaborou como jornalista e pesquisador nos livros *Chatô – O Rei do Brasil*, de Fernando Morais, e *O Desatino da Rapaziada – Jornalistas e Escritores em Minas Gerais*, de Humberto Werneck.

Em 1993, Afonso recebeu da Assembleia Legislativa de Minas e da Câmara Municipal de Belo Horizonte a *Moção de Reconhecimento Público*; em 1995, a *Comenda do Mérito Artístico Rômulo Paes*; em 1997, recebeu o título de *Filho Ilustre de BH – 100 Anos*; e, em 1998, foi agraciado com a *Ordem do Mérito Legislativo* novamente pela Assembleia Legislativa de Minas.

ANA MONTENEGRO

IN MEMORIAM

Precursora do movimento feminista no Brasil, Ana deixou um legado de luta. Jornalista e poeta, foi cofundadora do periódico *Movimento Feminino*, editado durante dez anos, que servia de instrumento de divulgação das lutas e conquistas das mulheres brasileiras.

Nascida em Quixeramobim, interior do Ceará, em 1915, formou-se em Direito e em Letras. Começou em Salvador a militância em favor da causa feminina, do camponês e contra o racismo.

Filiada ao Partido Comunista Brasileiro desde 1945, Ana foi a primeira mulher a ser exilada pela ditadura militar. Mas antes de ser obrigada a ficar fora do país por 15 anos, sofreu perseguições e recorreu à clandestinidade para desenvolver suas atividades políticas.

Durante o exílio, trabalhou em organismos internacionais, como a ONU e a Unesco. Foi redatora da revista *Mulheres do Mundo Inteiro*, publicação da Federação Democrática Internacional de Mulheres. Do exterior, lutou pelo restabelecimento da democracia no Brasil.



Deixou várias obras, dentre as quais se destacam *Ser ou não ser feminista* e *Mulheres – Participação nas lutas populares*. Morreu com 91 anos dizendo que sua obra estava incompleta e que ainda havia muito por fazer.

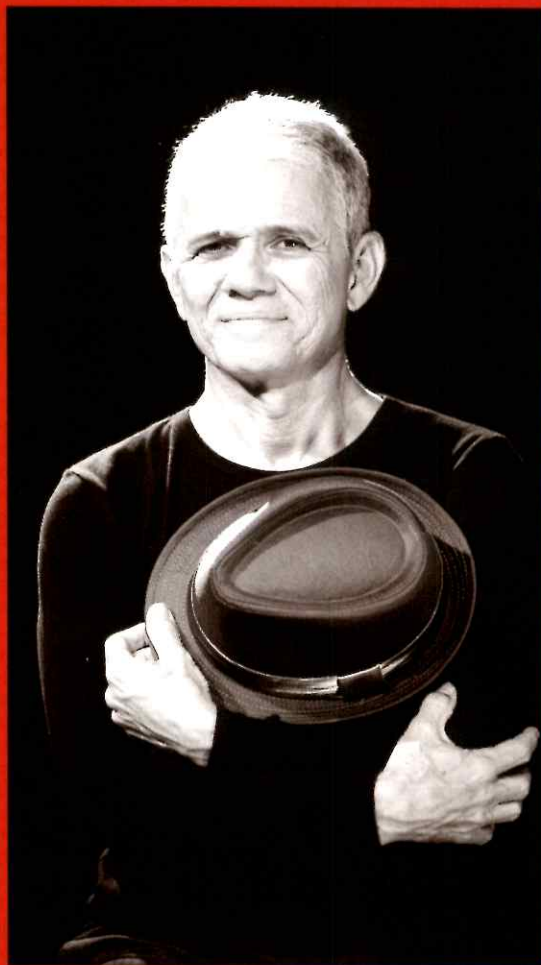
Músico, ator, estudioso das tradições nordestinas e conhecedor das raízes pernambucanas, Antonio traçou carreira longe da mídia, mas perto do público. Ingressou nas artes pela porta da formação clássica do violão, depois de ter estudado com o mestre catalão Luis Soler. Mas se voltou para a cultura popular ao conhecer Ariano Suassuna.

O escritor buscava um violonista para formar o Quinteto Armorial, nos idos de 1971. Depois de ver Antonio executando um concerto de Bach, convidou-o. A partir daí o artista afastou-se da Orquestra Sinfônica do Recife, da qual era um dos solistas, para se aproximar de manifestações como a dos Brincantes de Caboclinho e de Cavalo-Marinho.

A música e as apresentações de Antonio ganharam em sofisticação, unindo o popular e o erudito. Como consequência, expandiu seus dotes de músico e hoje, além do violão, executa rabeca e outros instrumentos de corda, além da percussão.

Um dos seus espetáculos mais importantes é o *9 de Frevereiro*, no qual explora várias formas de tocar frevo e exhibe sua habilidade como dançarino, mostrando passos estilizados de dança moderna misturados ao frevo e à ciranda.

ANTONIO NOBREGA



Cerca de 50 filmes, mais de 40 novelas e minisséries. Essa é a trajetória de Pitanga, que começou a atuar ainda na Bahia, durante o tempo de estudos de arte dramática na Escola de Teatro da Universidade Federal (UFBA). Seu primeiro filme foi *Bahia de todos os santos* (1960), de Trigueirinho Neto, seguido de *A estrada do amor* (1960), do diretor alemão Wolfgang Schleif.

Pitanga considera, entretanto, que sua estreia foi em *Barravento* (1961), de Glauber Rocha. Nessa época adotou o sobrenome artístico de "Pitanga", devido ao personagem que fizera em *Bahia de todos os santos*.

Tornou-se um dos atores prediletos de Glauber. Sob sua direção fez *Câncer* (1972), *Terra em transe* (de 1967) e *Di* (de 1977), curta-metragem premiado em Cannes. Mas considera o Cristo negro de *A idade da Terra* (1979) seu mais importante trabalho.

ANTONIO PITANGA



Pitanga trabalhou com outros diretores do cinema brasileiro, como Neville de Almeida (*Rio Babilônia*, 1982), Anselmo Duarte (*O Pagador de Promessas*, 1962), Carlos Diegues (*Quando o Carnaval Chegar*, 1972), Hugo Carvana (*Apolônio Brasil, o campeão da alegria*, 2003) e Rogério Sganzerla (*A mulher de todos*, 1969).

Casado com a deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), também ingressou na política e chegou a eleger-se vereador no Rio de Janeiro pelo PT.



Mestre Apolonio começou a brincar em grupos de bumba-meu-boi ainda criança, na região da Baixada Ocidental Maranhense, no povoado Teles, nos limites do município de São João Batista.

Em 1946, em São Luís, fundou o *Boi de Viana*, no qual permaneceu até 1959. Ano seguinte, com os companheiros Coxinho, Cobrinha, Lucílio e Domingos, Apolonio criou o Boi de Pindaré, que deu origem a alguns dos mais importantes grupos com sotaque da Baixada.

APOLONIO MELONIO

Em 1972, deixou o Pindaré para trás e fundou o *Bumba-meu-boi da Floresta*, que, com o passar do tempo, tomou o nome de *Boi de Apolonio*. Em 2007, Mestre Apolonio recebeu o prêmio *Culturas Populares – Mestre Duda 100 Anos de Frevo*.

Também em 2007, o *Boi da Floresta* desenvolveu um projeto social composto por oficinas destinadas à comunidade, com cursos de caretas de cazumbá – máscaras usadas nas apresentações dos bois –, bordado tradicional e produção de indumentárias.

Mestre Apolonio dedicou-se também ao Tambor de Crioula: “Quando termina a matança do boi, tem o Tambor de Crioula em homenagem a São Benedito. Eu sempre botava outro tambor, então resolvi criar o meu e, graças a Deus, deu certo”.

A força da comunidade do Capão Redondo foi fundamental para uma guinada na vida dos moradores. Cansados da violência, deram início, no ano 2000, ao movimento “Não à violência, eu quero lazer!”.

O pontapé inicial veio com atividades culturais e educativas para crianças e jovens. A iniciativa foi tomando corpo e, a cada ano, mais pessoas da comunidade foram se beneficiando de uma proposta que envolvia diversidade cultural e étnica.

Um dos efeitos mais visíveis da Capão Cidadão são os artistas por ela catapultados, como Trilha Sonora do Gueto, Rosana Bronks e Negredo, dentre outros. Hoje, o rap e o hip-hop da periferia paulistana são respeitados nacionalmente também por causa do trabalho da Associação.

ASSOCIAÇÃO CAPÃO CIDADÃO

A ONG realiza atividades como balé clássico, dança, teatro, futebol, oficinas e aulas de flauta doce, intercaladas com reforço escolar. Além disso, presta orientações para que se evite a gravidez na adolescência.

A sede da Associação Capão Cidadão fica no Jardim Valquíria e atende mais de 200 crianças. Nesses 11 anos de existência, conquistou alguns prêmios, como o *Ludicidade* (2008), concedido pelo Governo Federal; os *Cooperifa* de 2008 e 2009; e o segundo lugar no Festival de Dança Taboarte.



ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE SANTANA DE ARAÇUAÍ

A Associação dos Artesãos de Santana do Araçuaí é uma das maiores da região. Com aproximadamente 35 artistas, surgiu a partir da projeção do trabalho da mestra da cultura popular Izabel Mendes da Cunha, que fez de uma arte simples uma obra reconhecida internacionalmente.

As bonecas de barro do Vale do Jequitinhonha, em Minas, hoje correm o mundo e colocaram no mapa o vilarejo de Santana do Araçuaí, município de Ponto dos Volantes.

Na Associação encontra-se um vasto repertório de potes, moringas, galinhas, flores, casinhas e bonecas, que representam cenas do cotidiano e do imaginário no Vale do Jequitinhonha.



Filha de louçeira e poteira, Dona Izabel, hoje com mais de 80 anos, aprendeu com a família a arte originária de antepassados indígenas. Ainda menina, improvisava bonecos de argila para brincar.

Aos 44 anos, viúva, passou a produzir potes, travessas, figuras de presépios, e vendê-las nas feiras para criar os filhos. O negócio prosperou. Ensinou a técnica aos filhos e a todos da comunidade que quiseram aprender. O esforço de D. Izabel potencializou-se com a Associação dos Artesãos de Santana do Araçuaí, fundada em 1989.

Beth respira música desde muito cedo. O pai, João Francisco, era amigo de personagens históricos da MPB, como de Sílvio Caldas, Elizeth Cardoso e Aracy de Almeida. Já a mãe, Maria Nair, tocava piano erudito. Para reforçar esse caldo, tinha ainda a avó, que executava violão e bandolim.

Ainda jovem, Beth estourou na MPB com *Andança* (composição de Edmundo Souto, Danilo Caymmi e Paulinho Tapajós), no III Festival Internacional da Canção, em 1968.

À interpretação, Beth soma uma carga emocional moldada no ambiente político que respirava em casa. Seu pai foi cassado pelo regime militar por conta das “conexões” com grupos de esquerda.

Em 1972, buscou Nélson Cavaquinho e dele fez a gravação definitiva para *Folhas Secas*. Três anos depois, superou-se com uma interpretação inesquecível para *As Rosas Não Falam*, de Cartola.

Também foi por causa de Beth que o bloco carnavalesco Cacique de Ramos tornou-se nacionalmente conhecido. Botafoguense de quatro costados, lançou vários nomes da atual nobreza do samba, como Zeca Pagodinho, Jorge Aragão, Almir Guineto, Grupo Fundo de Quintal, Sombrinha e Arlindo Cruz.



**BETH
CARVALHO**



BETINHO

IN MEMORIAM

Da experiência no exílio, o sociólogo Herbert de Sousa tirou a força para transformar a sociedade brasileira com iniciativas cujos resultados serviram para consolidar nossa cidadania.

Ao retornar ao Brasil, em 1979, com a Anistia, Betinho colocou em prática iniciativas que serviram de alavanca para o desenvolvimento da justiça social, ainda que não esteja completa. Foi um dos fundadores do ISER (Instituto de Estudos da Religião) e da ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids), pioneira na defesa dos direitos dos portadores do HIV.

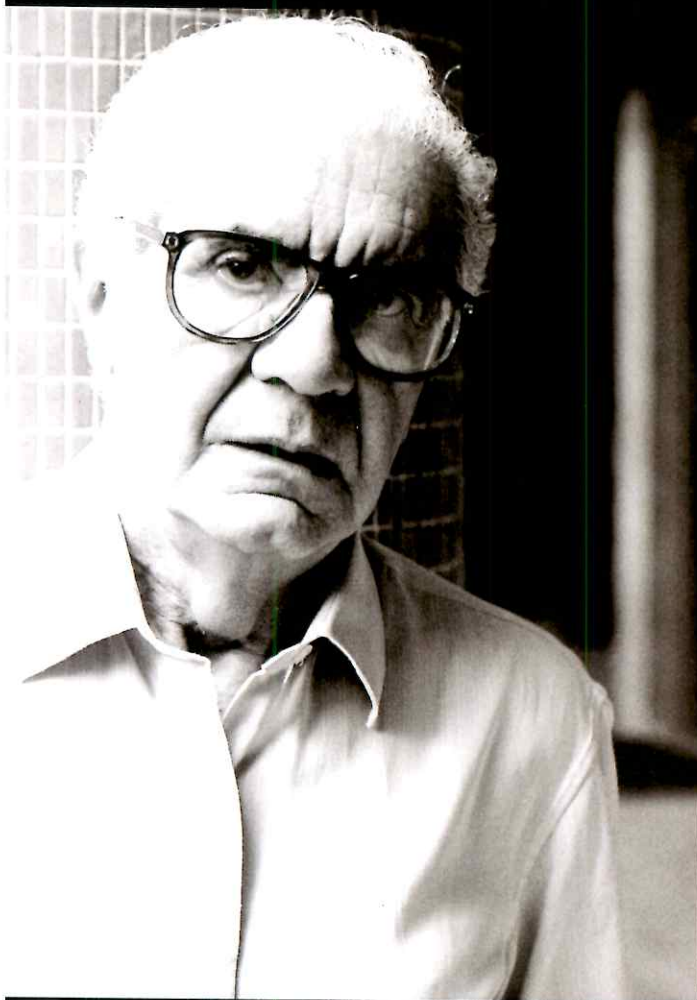
Também coordenou o IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Socioeconômicas), onde nasceram projetos como a *Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida* e o *Natal sem Fome*.

Betinho conhecia o sentimento daqueles que não tem o que comer. Lembrou ao brasileiro que “quem tem fome, tem pressa” e que “a alma da fome é política”.

“Irmão do Henfil”, como lembrou a música de Aldir Blanc e João Bosco, e do compositor Chico Mário, Betinho lutava contra a Aids, contraída por causa da hemofilia. Embora tenha partido em 1997, aos 61 anos, em casa, no bairro carioca de Botafogo, legou aos brasileiros uma obra incomensurável.

CAMPOS DE CARVALHO

IN MEMORIAM



Nascido em Uberaba (MG), Walter Campos de Carvalho notabilizou-se pelo humor ácido e refinado. Formou-se em Direito, mas nem mesmo a função de procurador do Estado de São Paulo o afastou da literatura. Desde 1941, com a *Banda Forra*, chama a atenção dos dramaturgos, com uma linguagem naturalmente voltada para o teatro.

Entre as adaptações de suas obras está a do grupo teatral Parlapatões para o livro *Vaca de Nariz Sutil*, e a de Aderbal Freire Filho para *O Púcaro Búlgaro*. O ator Chico Díaz também se aventurou pela literatura de Campos de Carvalho ao encenar *A Lua vem da Ásia* (traduzida para o francês, assim como *A Chuva Imóvel*).

Campos de Carvalho colaborou para jornais, como *O Pasquim* e *O Estado de São Paulo* – entre 1968 e 1978. Sua obra, porém, sofreu com a falta de divulgação e só não foi esquecida porque seus livros continuavam sendo divulgados entre leitores fieis. Mas através de cópias.

Nas entrevistas, Campos de Carvalho não tinha medo de se definir como um ser diferente. “Nasci *clown* e morrerei *clown*, embora a vida toda tenha sido um mero funcionário público”.

O frevo só é frevo por causa de Capiba. Compôs mais de 200 canções do gênero, que embalam os foliões pelas ladeiras de Olinda e ruas do Recife. Conhecedor da música, legou ao brasileiro, e ao pernambucano, um repertório que inclui ainda peças eruditas e sambas.

Capiba começou a trajetória no município de Surubim. Como seu pai era maestro da banda municipal, aos oito anos de idade aprendeu a tocar trompa, um instrumento de difícil execução.

De trompista precoce, flertou com o jazz, tanto que fundou a Jazz Band Acadêmica a partir da experiência como pianista nos cabarés de João Pessoa, para onde a família se mudou quando era adolescente.

Foi na capital pernambucana, cidade na qual chegou aos 26 anos, que mergulhou nas artes e ofícios da música. Compôs frevos inesquecíveis para o carnaval da cidade, como *É de amargar*. Também fez canções que rodaram o Brasil, como *Maria Betânia*, que foi sucesso na voz de Nelson Gonçalves.

Seus frevos-canção tornaram-se ainda mais conhecidos no final da década de 1950, a partir do LP *Capiba 25 Anos de Frevo*, interpretados por Claudionor Germano. Estima-se que esse mestre da música nordestina tenha deixado mais de 400 composições, de vários gêneros.

CAPIBA
IN MEMORIAM





CASA WARIRÓ

A necessidade de se criar um centro de divulgação e comercialização de produtos tradicionais e neotradicionais dos 22 povos – que habitam mais de 750 comunidades falantes, de diferentes famílias linguísticas –, ao longo do Rio Negro e afluentes, foi o que levou à formação da Casa Wariró.

As comunidades até criaram um selo para garantir um diferencial aos produtos indígenas do Rio Negro. A Casa Wariró fica em São Gabriel da Cachoeira, no extremo noroeste do Amazonas. Comercializa peças feitas a mão, a partir de matérias-primas retiradas e processadas de modo sustentável – processo que a Wariró acompanha de perto.

Há séculos, os povos indígenas do Alto Rio Negro estão articulados em uma rede de trocas baseada em especializações artesanais. Daí porque, na Casa, se encontrará os bancos que os Tukano sempre fizeram; dos Tuyuka vêm as canoas; dos Baniwa, os ralos, etc.

Na Wariró, os povos têm a possibilidade de vender seus produtos sem intermediários que pudessem reduzir seus lucros. A Casa também tornou-se local de encontro e de intercâmbio entre artesãos, produtores e consumidores.



CHICO DÍAZ

Chico Díaz é um dos rostos inesquecíveis na história do teatro, cinema e televisão. É bandido, como em *Os Matadores* (de Beto Brant); é cangaceiro, como em *Corisco e Dadá* (de Rosemberg Cariry); e é açougueiro, como em *Amarelo Manga* (de Cláudio Assis). Mexicano de nascimento e brasileiro de corpo e alma, formou-se em Arquitetura e chegou a estagiar com o psicanalista e poeta Hélio Pellegrino.

Da escola e até a faculdade, Chico teve dúvidas sobre se abraçaria as artes cênicas. Dúvida, aliás, que o acompanhou até os 21 anos. A decisão pela dramaturgia só aconteceu quando foi convidado para fazer o filme *O Sonho Não Acabou*, de Sérgio Rezende, em 1982. De lá para cá, somam-se mais de 20 anos de profissão e talento incontestável.

Chico ganhou vários prêmios por suas marcantes interpretações. Entre eles, destacam-se o Candango de melhor ator no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (2002) por *Amarelo Manga*; Candango de melhor ator coadjuvante também no Festival de Brasília, em 1986, por *A Cor do Seu Destino*; Kikito por *Corisco e Dadá* (1996); e melhor ator do Festival de Cinema Brasileiro de Miami e do Festival de Recife por *Os Matadores*, em 1998.

CLARICE LISPECTOR

IN MEMORIAM

Nascida Haia Pinkhasovna Lispector, em 10 de dezembro de 1920, na aldeia de Tchetchelnik, Clarice desembarcou no Brasil vinda da Ucrânia, cuja família fugia da perseguição aos judeus nos anos pós-Revolução Soviética.

Os Lispector chegaram a Maceió em março de 1922. Ficaram alguns anos no Nordeste, mudando-se para o Rio de Janeiro no final da década de 30. Com 19 anos, Clarice publicou seu primeiro conto, *Triunfo*.

Casou-se, em 1943, com o diplomata Maury Gurgel Valente, e morou em países como os Estados Unidos e a Suíça. Em 1959, com a separação do marido, retornou ao Brasil com os filhos e estabeleceu-se no Leme. Voltou para a imprensa carioca, escrevendo a coluna *Correio Feminino – Feira de Utilidades*, publicada no *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo de Helen Palmer. No ano seguinte, assumiu a coluna *Só para mulheres*, do *Diário da Noite*.

Clarice deixou obras como *Laços de Família*, *Perto do Coração Selvagem*, *A Paixão Segundo G.H.*, *A Hora da Estrela* e *Legião Estrangeira*. Foi hospitalizada pouco tempo depois da publicação de *A Hora da Estrela*, com câncer no ovário. Morreu em 9 de dezembro de 1977, um dia antes do 57º aniversário.



A professora Claudett é uma profunda conhecedora da cultura maranhense. Como adjunta do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão, constituiu o grupo que criou o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, da qual foi coordenadora.

Ela também esteve à frente do projeto do Ministério da Cultura sobre a reconstituição da Festa de São Benedito, em Alcântara. No mergulho que fez nas origens do Maranhão, produziu livro sobre o Projeto João-de-Barro, que trata da educação nos povoados no Estado.



Entre 1993 a 1994, exerceu consultoria para o Unicef, para a construção dos planos municipais de Educação no Maranhão e no Piauí. No trabalho, incluiu a questão da educação e das relações étnicas como tema dos debates. Foi presidente da Fundação da Criança e do Adolescente, no Maranhão (de 1995 a 2004), e coordenou a implementação de projetos com crianças negras das comunidades remanescentes de quilombos.

Orientou a pesquisa sobre os grupos do Bairro do Coroadinho, em São Luís. O estudo deu origem ao Projeto Paz Juvenil, que de 2004 a 2009 reduziu os conflitos no território dos grupos.

A professora Claudett é atualmente Secretária da Igualdade Racial do Estado do Maranhão.

**CLAUDETT
RIBEIRO**

A favela tem cultura, na favela tem dignidade. Para quebrar preconceitos e criar um novo paradigma, a Central Única das Favelas (CUFA) emergiu no Rio de Janeiro, espalhou-se pelo país e hoje é uma referência nas esferas políticas, sociais, esportivas e culturais.

Foi criada a partir da união de jovens – sobretudo negros – de várias favelas cariocas, que buscavam espaços para expressarem atitudes e questionamentos. São várias as oficinas de capacitação profissional, que elevam a autoestima da periferia e oferece-lhe perspectivas.

CUFA

Desde 1999, a CUFA é um pujante e respeitado polo de produção cultural, tendo fechado parcerias, apoios e patrocínios. Marca presença em 25 estados, além do Distrito Federal. Entre as atividades desenvolvidas pela Central das Favelas, há cursos e oficinas de DJ, *break* e grafite; escolinha de basquete de rua, de skate, de informática, de gastronomia e de audiovisual.

Uma das grandes realizações da CUFA é o festival *Hutuz*, cujo foco é o *hip-hop*, e tornou-se um marco para esta cultura. Também do ventre da Central das Favelas nasceu a Liga Internacional de Basquete de Rua (LIBRA), cujos campeonatos são atualmente reconhecidos pela Confederação Brasileira de Basquete.



ESPEDITO SELEIRO

Do sertão do Cariri, no interior do Ceará, Espedito Seleiro obteve reconhecimento nacional. Mestre em manusear o couro, ele hoje atrai para Nova Olinda famosos como a atriz Regina Casé, o apresentador Luciano Huck ou o diretor de cinema e TV Guel Arraes.

Viu o negócio tomar corpo quando vestiu o ator Marcos Palmeira no *O Homem que Desafiou o Diabo*. Depois, a grife de moda Cavaleira fez uma coleção baseada na indumentária do filme, apresentada ao público num desfile para o qual Espedito foi o convidado de honra.

Herdeiro de uma tradição familiar, ele não faz apenas selas, chapéus, arreios, gibões e rebenques para os vaqueiros da região. Seleiro também produz jaquetas, sandálias, sapatos e bolsas.

Uma das marcas registradas do seu ateliê são as sandálias *Lampião* e *Maria Bonita*, produzidas a partir de um molde deixado na oficina por um integrante do grupo do cangaço.

São mais de 60 anos de profissão, mas Espedito nem parece se dar conta da importância da sua arte. Com simplicidade, diz somente que se sente honrado em ter "mostrado ao Brasil e ao mundo que sabia fazer alguma coisa".



FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE



Está na edição de 2005 do *Livro Guinness dos Recordes*: vem de Santa Catarina o maior evento de dança do mundo em número de participantes, que já chegou a reunir 4.500 bailarinos e acontece todo ano no mês de julho.

O Festival de Dança de Joinville foi criado em 1983. No seu âmbito, acontecem a Mostra Competitiva, a Mostra de Dança Contemporânea, o Festival Meia Ponta (para crianças), a Feira da Sapatilha, o Encontro das Ruas, o Rua da Dança, o Palcos Abertos e a Passarela da Dança.

As apresentações, organizadas pelo Instituto Festival de Dança de Joinville, acontecem em praças, bairros, shoppings e até em fábricas. O Festival também oferece cursos e oficinas, workshops, seminários, projetos comunitários, palestras e debates. Atrai um público superior a duzentas mil pessoas, em cerca de 170 horas de espetáculos.

Na mostra competitiva, que dura oito noites, os bailarinos participam nos gêneros Balé Clássico de Repertório, Balé Clássico, Dança Contemporânea, Sapateado, Jazz, Danças Urbanas e Danças Populares. O Festival premia o melhor grupo de dança, a maior revelação, o melhor bailarino, a melhor bailarina e o coreógrafo revelação.



O Festival Santista de Teatro (Festa) tem mãe com nome e sobrenome: Patrícia Galvão, a Pagu, homenageada nesta edição da Ordem do Mérito Cultural. O Festa nasceu em 1958 e colocou a cidade de Santos, Litoral Norte paulista, no mapa da cultura.

Pagu, porém, não estava sozinha na empreitada. Para passar da teoria à prática, contou com figuras de peso nas artes cênicas – como o teatrólogo Paschoal Carlos Magno e o dramaturgo e ator Plínio Marcos.

Das oficinas e palcos do Festa surgiram talentos como Ney Latorraca, Bete Mendes, Carlos Soffredini, os irmãos Cláudio e Sérgio Mamberti, e vários outros.

FESTIVAL SANTISTA DE TEATRO

Este ano, o Festa completou 53 anos em abril e nesta edição voltou a ser aberto a companhias de todo o Brasil. Ao longo de nove dias, o festival exibiu vários tipos de apresentação, da música ao circo, passando pelo teatro infantil e o experimental.

O Festa não se concentra em um único lugar: as apresentações e oficinas acontecem por toda a cidade paulista, permitindo uma maior integração da comunidade local ou, como era o desejo de Pagu, uma grande “Festa”.

Glênio não se tornou um dos maiores pintores, gravadores e ilustradores brasileiros por acaso. Seu aprendizado foi com ninguém menos que Iberê Camargo, de quem foi aluno no Instituto de Belas Artes, em Porto Alegre.

O trabalho de Glênio começou a ser reconhecido ainda na década de 1950. Em 1951, participou da fundação do Clube de Gravura de Bagé, ao lado de Glauco Rodrigues e Danúbio Gonçalves. Nesse mesmo ano, já em Porto Alegre, criou o Clube da Gravura da capital gaúcha, com Vasco Prado e ninguém menos que Carlos Scliar.



Em 1962, a convite de Darcy Ribeiro, mudou-se para Brasília para ajudá-lo a criar a Universidade de Brasília. Além de cuidar da área de desenho e gravura, contribuiu para a estruturação do setor gráfico da UnB e dirigiu o ateliê de pintura. Mas veio o regime militar e foi obrigado a afastar-se da docência. Isso, porém, não o afastou das artes.

Na década de 1950, a produção de Glênio foi basicamente de xilografias e linoleogravuras, com trabalhos fortemente influenciados pelo expressionismo. Nos anos 1960, passou a trabalhar principalmente com pintura, litografia e gravura em metal. A partir daí, seus quadros externam a admiração do artista pelo cubismo e seu interesse pela abstração.

Já na década de 1970, Glênio seguiu na direção dos grafismos com manchas, sempre utilizando cores contrastantes. Nessa época, também esteve na equipe de criação e consolidação do Museu de Arte de Brasília. Em 1988, com a volta da democracia, foi reintegrado à UnB.

GLÊNIO BIANCHETTI

GRUPO DANÇANDO PARA NÃO DANÇAR

O nome do grupo já diz tudo. É formado por jovens de comunidades pobres do Rio de Janeiro, que resolveram se organizar numa companhia para não “dançar” – que na gíria carioca quer dizer “ser capturado” – para a polícia ou para os bandidos. Assim, encontraram na dança uma forma de não sucumbirem aos apelos do crime.

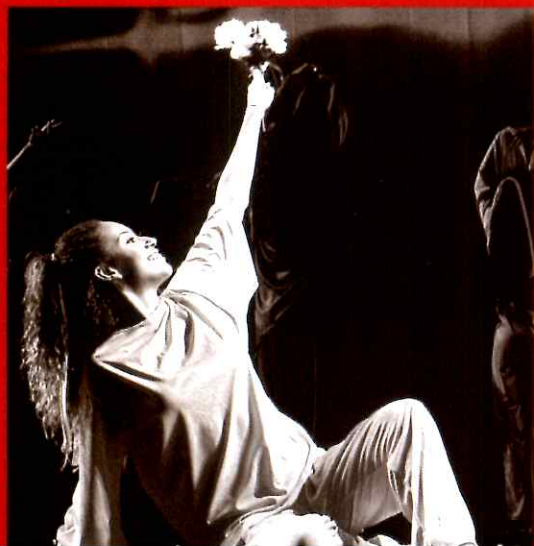
A história começa em 1995. Atualmente, o Projeto Dançando – que serve de trampolim para fazer parte da trupe – está em 13 comunidades e atende cerca de 500 crianças e jovens, de sete a 19 anos. As favelas alcançadas são Rocinha, Mangueira, Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Chapéu Mangueira, Babilônia, Macacos, Tuiuti, Jacarezinho, Salgueiro, Dona

Marta e Oswaldo Cruz. O grupo de 20 jovens bailarinos que faz parte do corpo principal, já profissionalizado, colocou sapatilhas de balé pela primeira vez com a entrada do projeto no local onde moravam.

A iniciativa é um absoluto sucesso. Tanto que, de 2004 para cá, o Dançando vem popularizando a dança clássica com espetáculos em locais públicos. Em 2007, a Companhia Dançando ganhou status profissional ao ser convidada pelo Programa Petrobras Cultural e sair em turnê nacional por Brasília, São Paulo e Bahia, além de várias cidades no Estado do Rio.

Os alvos principais do projeto são a profissionalização de jovens, o incentivo à participação cultural e o combate à exclusão social. São iniciativas que contribuem para a diminuição da violência e da vulnerabilidade sócio-econômica.

Mas o Dançando vai além da dança. O projeto inclui aulas de informática e reforço escolar; assistência médica e ortodôntica; e acompanhamento com assistente social, psicólogo e fonoaudióloga, inclusive para os parentes dos integrantes.



O Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca é uma das mais significativas expressões culturais das comunidades quilombolas do Piauí. E para quem imagina cavaquinhos, violões de seis e sete cordas, pode esquecer. O grupo é eminentemente percussivo e vocal.

O Cumbuca, uma tradição aprendida com os antepassados, nasceu da necessidade de os quilombolas da localidade de Salinas viverem e imortalizarem as manifestações culturais, além da identidade dos povos negros no Piauí. Embora não haja um local determinado para a origem do samba de cumbuca, historiadores e pesquisadores atribuem a manifestação às senzalas das fazendas piauienses. No local, o samba de cumbuca tornou-se um lenitivo contra as amarguras da vida e o cansaço de um dia de trabalho pesado.

O samba de cumbuca também tomou esse nome por causa das cabaças que as mulheres do Quilombo Salinas usavam para transportar água. Aos instrumentos para o batuque improvisado somaram-se o canto e a dança. A grande referência do grupo continua sendo a lendária Dona Úrsula, que deixou o maior número de descendentes do antigo quilombo – e que se tornaram guardiães dessa vertente ancestral do samba.

GRUPO TRADIÇÕES CULTURAIS SAMBA DE CUMBUCA





GRUPO DZI CROQUETTES

Mais que dançarinos e cantores. Eles eram transgressores. O Dzi Croquettes, formado por 13 homens, não tinha medo de se travestir, nem de chocar, juntando roupas femininas com barbas malfeitas e pernas sem depilação com saltos agulha.

O Dzi se tornou ícone da contracultura, com concorridos shows no Rio de Janeiro. O agrupamento foi ideia do coreógrafo, cantor e bailarino americano Lennie Dale, que veio de Nova York para se estabelecer em terras cariocas.

O primeiro show da trupe foi em 1972 e virou estrondoso sucesso. O que não impediu o grupo de ser banido do meio teatral e ganhar a fama de maldito. Não era para menos: poucos estavam prontos para o feroz deboche que fazia da política e da realidade nacional.

O Dzi acabou se radicando na França e, em Paris, encontrou solo fértil para o sucesso. Ficou pouco tempo, pois o desejo de voltar ao Brasil falou mais alto. Após o retorno, as brigas internas minaram a camaradagem entre os 13 e, aos poucos, o grupo foi se dissolvendo. Mas deixou uma herança intelectual que continua viva em espetáculos e trupes que se formaram graças à sua influência.

GRUPO GALPÃO

Teuda Bara, Eduardo Moreira, Wanda Fernandes e Antonio Edson jamais poderiam imaginar que naquela oficina de teatro em Diamantina, por conta do Festival de Inverno da UFMG, nasceria o desejo de montar uma trupe teatral. Em 1982, na volta para Belo Horizonte, os quatro arregaçaram as mangas e decidiram formar o Galpão. E perceberam que não há cena melhor que a da rua.



Na formação dos quatro, já havia na bagagem as oficinas de teatro dos alemães Kurt Bildstein e George Froscher, do Teatro Livre de Munique, que trabalhavam justamente com as apresentações em lugares públicos. Por conta dessa influência, montaram *Alma Boa de Setsuan*, de Bertolt Brecht.

Mas foi depois da passagem por Diamantina que o Galpão saiu às ruas. E com *E a Noiva Não Quer Casar*, montada em plena Praça Sete, coração do centro nervoso da capital mineira, ainda em 1982.

A fama do grupo veio mesmo em 1992, quando encenou *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, com uma linguagem própria de teatro de rua. Resultado: prêmios do júri popular do Festival Nacional de Teatro de Curitiba e Shell Especial, no ano seguinte. A partir daí, o Galpão cruza as fronteiras brasileiras e passa a se apresentar também no exterior.

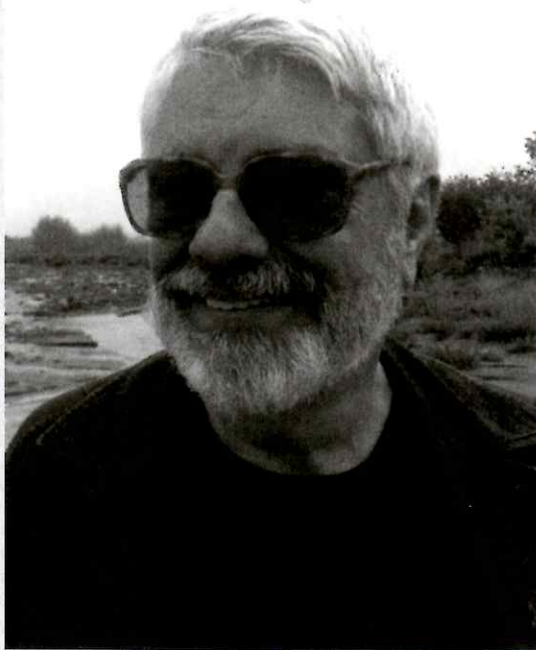
A consagração veio em 2000, ao tornar-se o primeiro grupo brasileiro a se apresentar no Shakespeare Globe, em Londres, que como o nome já diz é a casa das encenações das peças do Bardo de Avon. Levaram, claro, a versão de *Romeu e Julieta* que já havia impressionado os críticos brasileiros.

Diretor, crítico e formulador de políticas cinematográficas. A vida de Gustavo Dahl foi inteiramente voltada para o cinema. Nascido na Argentina e naturalizado brasileiro, passou parte da infância em Montevidéu e mudou-se com a família para São Paulo, em 1947.

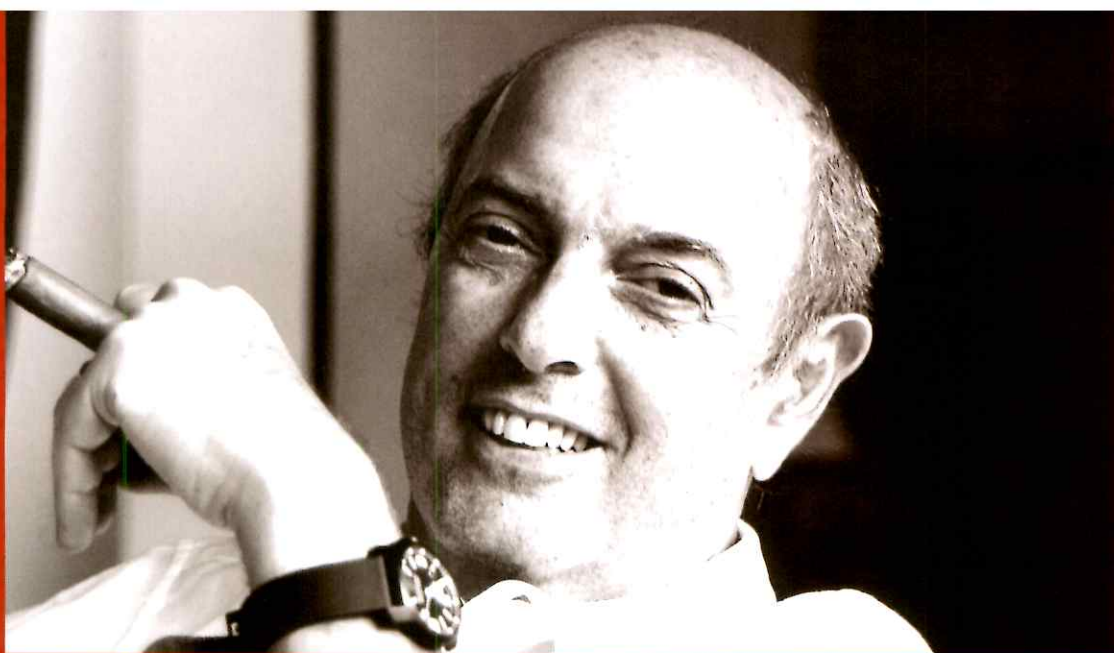
Em 1958, colaborou com o *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*. Nesse período, presidiu o cineclube do Centro Dom Vital e começou a trabalhar na Cinemateca Brasileira.

Em 1960, cursou o *Centro Sperimentale di Cinematografia*, em Roma. Antes de dirigir longas-metragens, destacou-se como montador de filmes, como *A grande cidade* (1965), de Carlos Diegues, e *Integração racial* (1964), de Paulo César Saraceni. Firmou-se também como realizador de curtas: *Em busca do ouro* (1965) e *Museu Nacional de Belas Artes - O tempo e a forma* (1967). Em 1968, lançou o primeiro longa, *O bravo guerreiro*, e em 1972 o segundo, *Uirá, um índio em busca de Deus*. Em 1982, Dahl lançou seu terceiro longa-metragem, *Tensão no Rio*.

De 2002 a dezembro de 2006 foi diretor-presidente da Agência Nacional de Cinema (Ancine). Depois, assumiu a gerência do Centro Técnico Audiovisual (CTAv) do Ministério da Cultura. Gustavo morreu em 26 de junho de 2011 de um infarto fulminante, em Trancoso (BA).



**GUSTAVO
DAHL**
IN MEMORIAM



Héctor Babenco nasceu na Argentina, mas deixou o país aos 18 anos porque não queria servir o Exército. Durante cinco anos viveu entre Espanha, França e Itália, trabalhando como lavador de pratos e pintor de paredes.

Sem poder voltar ao seu país, mudou-se para São Paulo, em 1969. Seu primeiro filme é *O Rei da Noite* (1975), com Paulo José e Marília Pêra. Mas a consolidação de Babenco veio com *Lúcio Flávio – Passageiro da Agonia*, recordista de bilheteria no Brasil em 1977.

HÉCTOR BABENCO

Em 1981, *Pixote – A Lei do Mais Fraco* foi considerado o melhor filme estrangeiro do ano pela Associação dos Críticos de Los Angeles e de Nova York. Em 1985, Babenco lançou *O Beijo da Mulher Aranha*, baseado na obra de Manuel Puig e que teve quatro indicações ao Oscar. O protagonista William Hurt ganhou a estatueta e a Palma de Ouro do Festival de Cannes de melhor ator.

Depois veio *Ironweed*, indicado ao Oscar de 1988 nas categorias Melhor Ator (Jack Nicholson) e Melhor Atriz (Meryl Streep), seguido por *Brincando nos Campos do Senhor*.

Em 1997, Babenco produziu o autobiográfico *Coração Iluminado*, dois anos depois de submeter-se a um transplante de medula para combater um câncer linfático.

Obter a admiração de Carlos Drummond de Andrade e de Paulo Leminsky é um privilégio para poucos. E nesse seleto grupo inseria-se a poetisa paranaense Helena Kolody.

Filha de imigrantes ucranianos, ela foi guiada na direção das artes desde menina. Estudou piano, pintura e, aos 12 anos, começou a fazer seus primeiros versos.

Com 16 anos publicou *A Lágrima* e, aos 20, iniciou a carreira de professora do Ensino Médio e inspetora de escola pública. Por 23 anos, conciliou a literatura com as aulas que lecionava no Instituto de Educação de Curitiba.

O primeiro livro publicado pela poetisa, em 1941, *Paisagem Interior*, é dedicado ao pai, Miguel Kolody, que morreu dois meses antes da publicação. Sua poesia caracterizava-se pelo formato de *haikai*, forma de origem japonesa cuja característica é a concisão. Foi a primeira mulher a publicá-los no Brasil.

Entre seus trabalhos destacam-se: *A Sombra no Rio* (1951), *Poesias Completas* (1962), *Vida Breve* (1965), *Era Espacial e Trilha Sonora* (1966), *Antologia Poética* (1967), *Tempo* (1970), *Infinito Presente* (1980), *Poesias Escolhidas* (1983 – traduções de seus poemas para o ucraniano), *Sempre Palavra* (1985) e *Poesia Mínima* (1986).

HELENA KOLODY

IN MEMORIAM





ÍTTALA NANDI

A gaúcha Ítala sempre disse que não temia desafios. Ainda na Caxias do Sul natal, participou de uma montagem de *A Cantora Careca*, um dos principais textos do Teatro do Absurdo, do romeno Eugène Ionesco. Em 1960 integra o elenco de outra peça polêmica, *O Despacho*, escrita e dirigida por Mário de Almeida.

Ao mudar-se para São Paulo, em 1962, sua carreira começa a ascender. Integra-se ao Teatro Oficina como administradora. Mas teve a primeira chance de atuar substituindo Rosamaria Murtinho em *Quatro Num Quarto*, de Valentin Kataev, no mesmo ano.

Ganha a confiança de José Celso Martinez Corrêa e, em 1963, passa a integrar o elenco de estreia de *Pequenos Burgueses*, de Máximo Gorki. Ainda no Oficina atuou em montagens de *Os Inimigos*, *O Rei da Vela*, *Galileu Galilei* e *Na Selva das Cidades*. Em 1975 é reconhecida ao ganhar o Molière por *Guerra Conjugal*.

Os maiores prêmios, porém, vieram no cinema: Palma de Ouro do Festival de Cannes, em 1972, por *Pindorama*; e Coruja de Ouro, em 1976, por *Os Deuses e os Mortos*, ambos de Melhor Atriz. Também foi indicada ao Urso de Prata do Festival de Berlim, em 1974, por *Sagarana*, o *Duelo*.

Prepare o seu coração/ Pras coisas/ Que eu vou contar. A voz poderosa, que vai se erguendo aos poucos na canção *Disparada*, fez de Jair Rodrigues um cantor único, capaz de se adaptar a vários estilos. Do samba ao sertanejo, sozinho ou em dupla com Elis Regina, entrou para a história da MPB por causa do timbre raro.

E pela simpatia. Sempre bem-humorado, Jair começou a fazer história em São Carlos, cidade da Grande São Paulo. Iniciou como cantor de boate ainda jovem e, em 1960, seguiu para São Paulo.

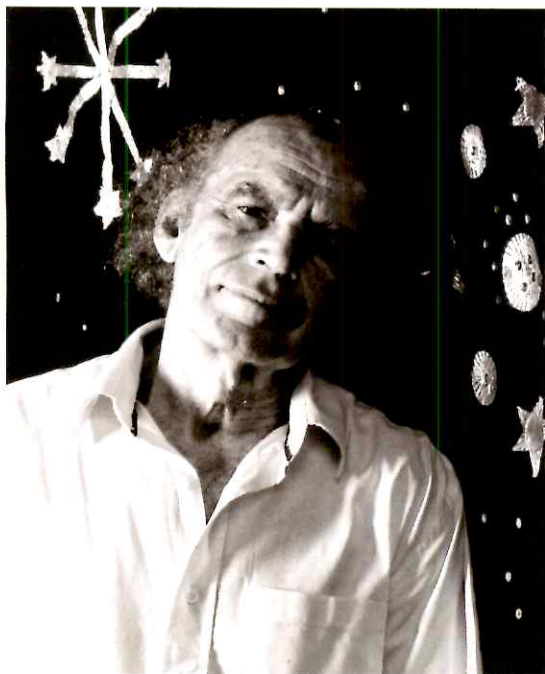
Em 1962, gravou o primeiro disco com duas músicas voltadas para a Copa do Mundo, no Chile: “Brasil sensacional” e “Marechal da vitória”.

Jair estourou com o samba *Deixa isso pra lá*. Além do balanço irresistível, o gesto com as mãos que fazia enquanto cantava os primeiros versos (*Deixa que digam/ Que pensem/ Que falem*) chamou a atenção pela irreverência. Isto o colocou ao lado de Elis, no programa *Dois na Bossa* – que trocou o nome para *O Fino da Bossa* ao ser exibido na TV Record.

Em 1966, novo marco na carreira: *Disparada*. Ao defendê-la no II Festival de Música Popular Brasileira, dividiu o primeiro lugar com *A banda*, cantada por Nara Leão.

JAIR RODRIGUES





JOÃO DAS NEVES

A relação estreita de João com a música levou-o a dirigir shows de Chico Buarque, Milton Nascimento, Baden Powell, MPB4, para citar alguns. Também esteve à frente de óperas contemporâneas, como *Corpo Santo*, ou cantatas, como *Continente Zero Hora*.

Sua peça mais conhecida, *O Último Carro*, ficou mais de dois anos em cartaz no Rio e em São Paulo, no fim dos anos 70, e levou mais de 20 premiações. Por falar em prêmios, João ganhou vários Molière, mais o da Bienal Internacional de São Paulo, o da APCA, o Golfinho de Ouro e o da Quadrienal de Praga.

Em 1986, João dá uma guinada: transfere-se para Rio Branco (AC), onde funda com atores locais o Grupo Poronga. A encenação do *Tributo a Chico Mendes* tornou-a a conhecida em todo o Brasil.

João também superou as barreiras das artes cênicas e tem editado traduções, poemas e livros de ficção para crianças. Colaboradora também com as revistas *Humboldt* (alemã) e *Palavra* (Belo Horizonte). Atualmente, trabalha como artista convidado do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp.

O currículo deste carioca é um dos maiores do teatro brasileiro. Começa pelo fato que é dramaturgo, diretor, ator e escritor, e termina na quantidade de prêmios que ameculhou ao longo da vida profissional, tanto aqui quanto no exterior.

Começou dirigindo o teatro de rua do CPC da UNE, até que, com o golpe de 1964, foi extinto. Levou sua resistência ao autoritarismo para o Grupo Opinião, que ficaria em atividade por 16 anos e no qual tinha como parceiros Oduvaldo Viana Filho e Ferreira Gullar. O Opinião estourou no histórico Show Opinião, que reuniu Nara Leão, Zé Keti e João do Vale.

“Carcará, pega mata e come”. Os versos de João do Vale chocaram os mais conservadores ao romperem as paredes do Centro Popular de Cultura da UNE, depois de cantados no Show Opinião, em 1964, pela então estreante Maria Bethania.

João começou pequeno, no interior do Maranhão, dividindo-se entre a música e várias atividades para ajudar a família. Aos 13 anos, seguiu para São Luís, onde participou do grupo de bumba-meu-boi *Linda Noite*. Da capital maranhense deu início à vinda para o Sudeste do país, passando por Fortaleza (CE) e Teófilo Otoni (MG), até chegar ao Rio de Janeiro, em 1950, onde empregou-se como ajudante de pedreiro.

Em 1953, Marlene lançou em disco *Estrela miúda*, um sucesso. Mas foi em 1964, quando estreou como cantor no restaurante Zicartola, onde nasceu a ideia do Show Opinião, que João rompeu a crosta.

A força dos seus versos fez com que fosse requisitado também para o cinema. Foi convidado pelo cineasta Roberto Farias para musicar *No Mundo da Luz*, lançado em 1958. Em 1969, comporia a trilha sonora de *Meu Nome é Lampião*, de Mozael Silveira.

O homem do carcará morreu em São Luís, em 6 de dezembro de 1996.

JOÃO DO VALE

IN MEMORIAM



JOSÉ RENATO

IN MEMORIAM

Fundador e idealizador do Teatro de Arena, José Renato é responsável por levar o teatro brasileiro a transpor uma imensa barreira: a de trazer o nacionalismo para os nossos palcos. E isto só foi possível a partir da direção de *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri.

Renato via o teatro adiante, desde que se formou, em 1950, na primeira turma da Escola de Arte Dramática, em São Paulo. Já ali pregava a arena como cena de espetáculo. E para experimentar esse formato, fundou o Teatro de Arena, em 1953.

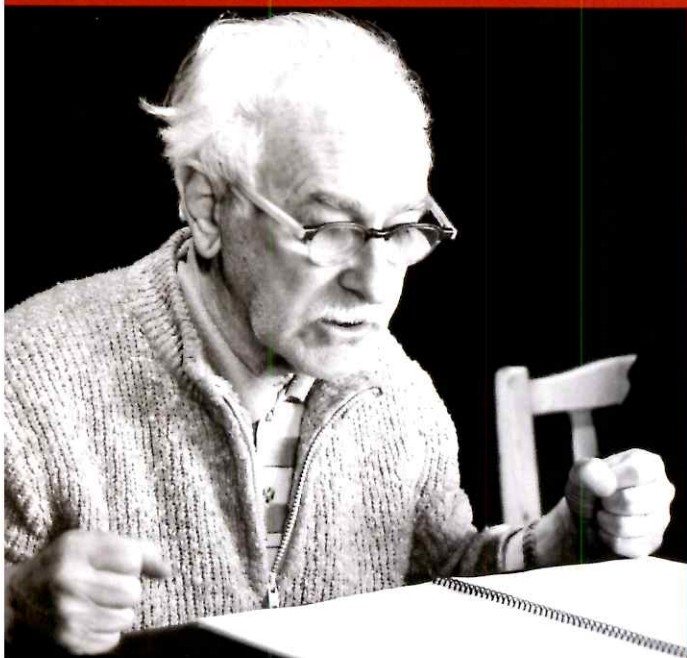
A primeira montagem foi de *Esta Noite É Nossa*, de Stafford Dickens. Para Renato, qualquer local servia para espetáculos: fábricas, clubes, escolas, salas... O Arena funde-se com o Teatro Paulista do Estudante e amplia o repertório, trazendo clássicos que preparam para o grande salto – *Eles Não Usam Black-Tie*, em 1958.

Renato estagiou no Théâtre National Populaire, na França. Em 1959, de volta ao Brasil, foi convidado a dirigir o Teatro Nacional de Comédia, que nacionalizava o repertório. Seu primeiro trabalho à frente do TNC foi *Boca de Ouro*, de Nelson Rodrigues, em 1962. Rendeu-lhe o Prêmio da Associação de Críticos do Rio de Janeiro.

Em 1964, inaugurou o Teatro Ruth Escobar com *A Ópera dos Três Vinténs*, de Brecht. Em 1965, já em Curitiba, fundou o Teatro de Bolso, com *O Noviço*, de Martins Pena.

Renato jamais parou. Anos depois, em 1979, encenou *Rasga Coração*, do amigo Oduvaldo Vianna Filho. Dedicou-se também à dramaturgia e, entre suas obras, consta *Um Edifício Chamado 200*, cuja autoria divide com Paulo Pontes e Milton Moraes.

Na noite de 2 de maio deste ano, depois de apresentar-se no Teatro Imprensa, em São Paulo, Renato morre aos 85 anos.



Toda mulher quer ser amada/Toda mulher quer ser feliz/Toda mulher se faz de coitada/Toda mulher... é meio Leila Diniz.

Ninguém se torna personagem de música por acaso. Rita Lee incluiu o nome de Leila na letra de *Todas as Mulheres do Mundo* para homenagear as mulheres lutadoras, fortes e independentes.

Leila foi ícone de sua geração, não só como atriz, mas por quebrar tabus. Ela ousou ao exibir a gravidez de biquini nas areias de Ipanema e pela entrevista ao Pasquim, na qual proferiu uma enxurrada de palavrões e falou sobre a vida sexual, o que escandalizou os conservadores.

Mas nem o fato de ser malvista pela direita, difamada pela esquerda ultrarradical e tida como vulgar pelas mulheres, a fez recuar.

Perseguida, escondeu-se no sítio do apresentador Flávio Cavalcanti. Sem convites para atuar, tornou-se jurada de programa de calouros na TV, ao mesmo tempo em que era acusada de ter ajudado militantes de esquerda.

Voltou-se para o Teatro de Revista e começou a carreira de vedete. Morreu num acidente aéreo, em 14 de junho de 1972, aos 27 anos, quando voltava de uma viagem à Austrália.



Acervo CEDOC/FUNARTE

LEILA DINIZ

IN MEMORIAM



LÉLIA ABRAMO

IN MEMORIAM

O binômio política-teatro começou cedo na vida de Lélia. Participou dos primeiros momentos de fundação da Oposição de Esquerda no Brasil, sempre se assumindo como uma simpatizante do trotskismo. Foi também militante e fundadora do Partido dos Trabalhadores (PT).

A arte dos palcos era, para Lélia, uma forma de esclarecimento político. Sua estreia em cena, em 1958, foi com *Eles não Usam Black-Tie*. E o fez justamente ao lado do autor (e também ator) da peça, Gianfrancesco Guarnieri.

Uma das grandes damas da dramaturgia brasileira, Lélia trazia no sangue a luta política. Não somente porque sofreu na pele os efeitos do fascismo de Benito Mussolini – morou na Itália entre 1938 e 1950, tendo acompanhado a queda do ditador –, mas porque sua mãe era filha de Bartolomeu Scarmagnan, militante anarco-sindicalista e organizador da greve geral de 1917 em São Paulo.

Lélia assumiu a presidência do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado de São Paulo, em 1978. Foi a primeira chapa de oposição a vencer no período da ditadura e, por causa da militância, amargou boicotes.

Lélia fez 27 telenovelas, 14 filmes e 23 peças.

Meu nome é ébano, mas pode me chamar de Luiz Melodia. Compositor e um dos primeiros a cantar o orgulho negro, cresceu no morro de São Carlos, no bairro do Estácio, berço do samba carioca. A música entrou em casa pelo pai, o sambista e também compositor Oswaldo Melodia. Luiz herdou-lhe o nome artístico e o gosto pelos violões, pandeiros e cavaquinhos.

Curiosamente, se voltou para as raízes depois de já iniciado nas artes e ofícios das harmonias. A influenciá-lo, a Jovem Guarda, sobretudo Roberto Carlos. Em 1963, dava os primeiros passos na carreira, em bares com música ao vivo.

Em 1964, formou o conjunto musical Os Instantâneos, mas a explosão veio quase uma década depois. Foi com o LP *Gal a Todo Vapor*, de 1972, no qual ela gravou *Pérola Negra*. Em seguida, outra baiana, Maria Bethania, consolidou a fama de Luiz com *Estácio Holly Estácio*.

Com *Ébano*, exibida no Festival Abertura, de 1975, da Rede Globo, chama novamente a atenção. No ano seguinte, lança o segundo disco, *Maravilhas Contemporâneas*. Puxando o trabalho, novo sucesso: *Mico de Circo*. Em 1978, outro disco marcante: *Luiz Melodia*, cuja primeira música é *A voz do Morro*, de Zé Kéti.

LUIZ MELODIA



MARACATU ESTRELA DE TRACUNHAÉM

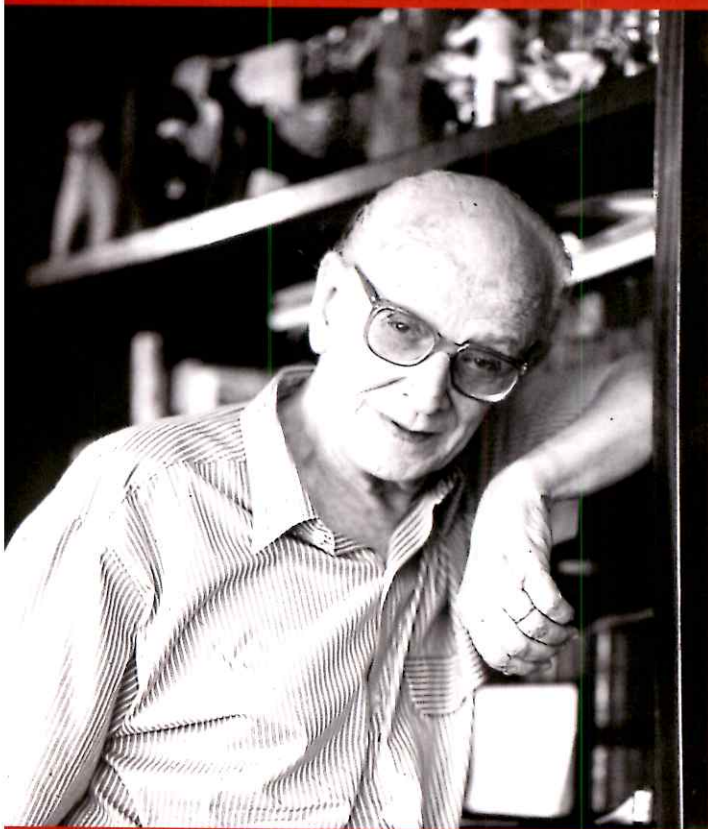
São 31 anos de história. O Maracatu Estrela de Tracunhaém nasceu da necessidade de Tracunhaém constituir o seu primeiro maracatu de baque solto e manter a tradição local. O nome veio do encontro de cinco ruas no centro da cidade, cujo largo em formato de estrela serve para o grupo fazer suas evoluções durante o carnaval.

O Estrela de Tracunhaém é composto por 90 componentes, resultado da reunião de amigos e administradores da cultura popular. Ano passado, ao completar o 30º aniversário, foi o homenageado do Carnaval da cidade.

Em 2007, fez participação na novela *Duas Caras*, da Rede Globo e foi classificado na segunda categoria no Carnaval de Recife; foi selecionado, em 2009, pela Fundarpe para participar do Carnaval do governo do Estado, em Porto de Galinhas; e em 2010 foi convidado para se exibir em Águas Belas. O Estrela de Tracunhaém é apresentação certa nos demais polos carnavalescos da Zona da Mata pernambucana.

Uma das mais recentes apresentações do Maracatu foi na III Conferência do Movimento Canavial, em 3 de setembro passado.





MARIO LAGO

IN MEMORIAM

Mario Lago formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, na década de 30, na Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Teve como contemporâneos personagens da envergadura de Carlos Lacerda, Jorge Amado e Lamartine Babo. Só que as artes falavam a Mario mais de perto do que o desejo de tornar-se advogado ou juiz.

Formou-se, tentou advogar, mas não deu certo. Seguiu, então, rumo ao teatro de revista: escrevia, compunha e atuava.

Estreou como letrista de *Menina, eu sei de uma coisa*, gravada em 1935 por Mário Reis, e *Nada além*, eternizada na voz de Orlando Silva, ambas em parceria com Custódio Mesquita. Na sequência, compôs *Ai que saudades da Amélia* e *Atire a primeira pedra* (parceria com Ataulfo Alves), *É tão gostoso, seu moço* (com Chocolate), *Número um* (com Benedito Lacerda), *Fracasso* e *Aurora* (as duas com Roberto Roberti).

Na Rádio Nacional, Mario foi ator e roteirista, e ficou famoso pela voz em tom de baixo profundo. Esteve no cinema em obras como *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, e na televisão, com novelas como *O Casarão*, de Lauro Cezar Muniz.

Mario Lago morreu em 30 de maio de 2002, aos 90 anos.

Um riquíssimo acervo histórico, com mais de 200 mil itens, entre eles obras raras e milhares de documentos. É o Memorial Jesuíta Unisinos, que abriga coleções reunidas desde 1849 pela Companhia de Jesus em diversas bibliotecas, que serviam para as atividades educacionais, pastorais e sociais.

O acervo é dividido por coleções. Começando pela de *Obras Raras e do Século XIX*, na qual figuram peças de alto valor devido à antiguidade e raridade. Somente este acervo está subdividido em duas partes: uma apenas para as obras editadas entre o século XV e o XVIII, com 2.636 itens; e outra do século XIX, com outros 23.371.

Outra coleção é a *Cristo Rei*, com algo em torno de 58 mil escritos de temas teológicos, filosóficos, da história da Igreja, de apologética, de homilética, de história das religiões, entre outros assuntos. Nele encontram-se várias obras cujos similares são encontrados em poucas bibliotecas nacionais e do exterior.

Tem ainda a *Coleção Antônio Vieira*, cuja origem está na reunião das bibliotecas dos colégios, seminários, paróquias e outras instituições jesuítas que foram sendo desativadas a partir da década de 1950. Atualmente é composta de cerca de 83 mil itens dos séculos XIX e XX.



MEMORIAL JESUÍTA UNISINOS

Já a *Coleção de Periódicos Santo Inácio de Loyola* é formada por 1.223 títulos dos séculos XIX e XX. A ela se soma um conjunto documental de partituras de música e de edições em braille.

O principal objetivo do Memorial é a constituição, guarda, preservação e gestão dos acervos bibliográficos, documentais, científicos e artísticos, relacionados à história e à atuação dos jesuítas na Região Sul do Brasil.

A Flor e o Espinho, Folhas Secas, Rugas, Quando Eu me Chamar Saudade, Luto, Eu e as Flores e Juízo Final. Na voz rouca de Nelson Cavaquinho, essas músicas assumiam uma carga dramática que somente quem conheceu a boêmia sabe exatamente o que cada verso significava.

Sua relação com a música começou com o instrumento que se tornou parte do nome pelo qual gostava de ser chamado. Autodidata, Nelson desenvolveu um estilo único de tocar o cavaquinho, com dois dedos deslizando sobre as escalas.

Deixou mais de 400 composições, muitas delas clássicos feitos com seu parceiro mais frequente, Guilherme de Brito. Mas Nelson não enriqueceu: depois que deixou a cavalaria da Polícia Militar do Rio, para poder se manter eventualmente vendia coautorias de sambas que compunha sozinho.

Descoberto e estimulado pelo também sambista Cyro Monteiro, Nelson começou a se apresentar em público a partir da década de 1960, no Zicartola, bar do amigo Cartola e da mulher, Dona Zica, no Centro do Rio. Em 1970, lançou seu primeiro LP, *Depoimento de Poeta*, pela gravadora Castelinho.

Nelson morreu na madrugada de 18 de fevereiro de 1986, aos 74 anos, vítima de um enfisema pulmonar.

NELSON CAVAQUINHO IN MEMORIAM



● PEDREIRO ●



Quando se pensa num pedreiro, vem logo à cabeça cimento, areia, brita e obra. Mas para Evando dos Santos, montar uma biblioteca não representa fazer a laje, erguer paredes, colocar telhado, e sim encher uma casa de livros, do chão ao teto.

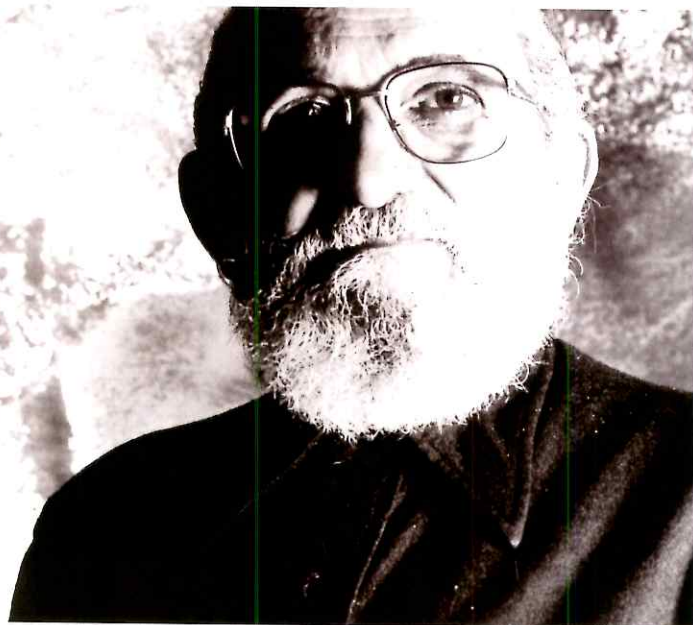
Evando é o responsável pela criação da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto de Menezes, que começou com 50 livros e hoje possui 45 mil volumes, que estão espalhados temporariamente pela casa do pedreiro, que só aprendeu a ler na adolescência. Uma nova biblioteca está sendo construída com recursos do BNDES e projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer.

Morador da Vila da Penha, no Rio de Janeiro, Evando distribui livros pelas ruas e transformou o meio-fio das calçadas em caderno, onde faz citações da literatura mundial. “Escrevo uma frase, identifico o autor, o livro e a página em que se encontra a citação. Se o leitor se interessar, é só buscar o livro na biblioteca”, orgulha-se.

A Biblioteca recebe até 50 visitantes por dia e não há prazo para a devolução dos livros. “Quem vem aqui pode pegar quantos livros quiser e também não há problema se não devolver. Livro é para ser degustado e não policiado”, ensina o pedreiro das letras.

Educador, pedagogo e filósofo, Paulo deixou uma obra densa, que pouco mais de 10 anos depois da sua morte ainda precisa ser pesquisada com profundidade. Um humanista que, apesar dos esforços, não viu a total implantação das premissas que desenvolveu para que o Brasil desse um salto de qualidade na formação de crianças e jovens.

Quando entrou para o curso de Direito da Universidade do Recife, em 1943, passou a dedicar-se também aos estudos de filosofia da linguagem. Jamais exerceu a advocacia; preferiu trabalhar como professor de escola secundária, lecionando Português. Já aí gestava o método de ensino pelo qual ficaria conhecido.



Em 1946, como diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social de Pernambuco, trabalhou com analfabetos. Período que serviu para a construção de suas teorias, que praticou em 1961, quando tornou-se diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade do Recife.

Nessa época, realizou as primeiras experiências de alfabetização popular que levariam à constituição do Método Paulo Freire. A eficiência foi tanta que o governo João Goulart fez dele a base do Plano Nacional de Alfabetização. Mas veio o golpe de 1964 e a experiência foi interrompida. Foi preso e obrigado a se exilar. Voltou ao Brasil somente com a Anistia.

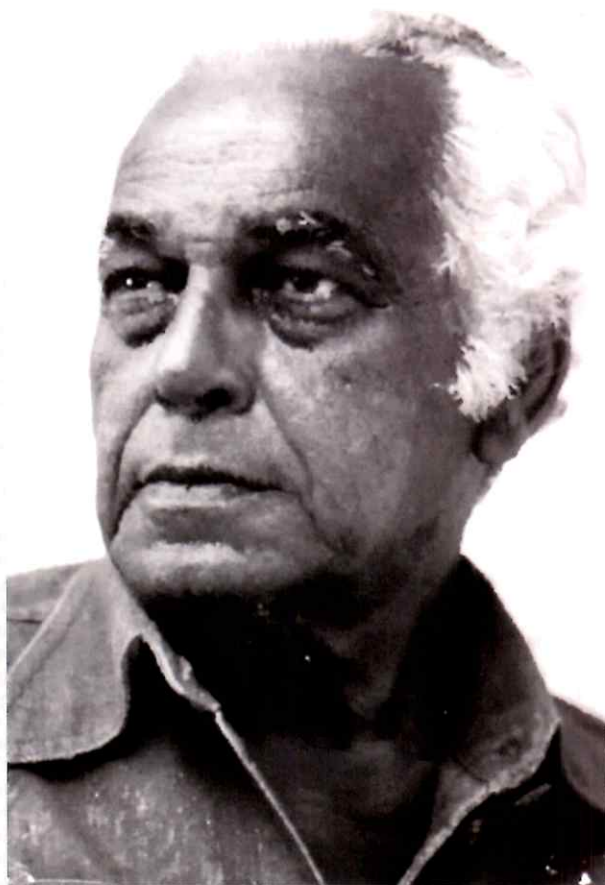
Freire é um dos pensadores mais notáveis da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento Pedagogia Crítica. Delineou a Pedagogia da Libertação, voltada à conscientização política dos mais pobres. Suas contribuições na educação popular e na alfabetização podem ser percebidas nas Comunidades Eclesiais de Base.

**PAULO
FREIRE**
IN MEMORIAM

Paulo Gracindo legou ao público personagens memoráveis. Do bicheiro Turcão, da novela *Bandeira Dois*, ao Coronel Ramiro Bastos, de *Gabriela*, foi um dos mestres da dramaturgia brasileira. Dono de uma carreira impressionante, Pelópidas Guimarães Brandão Gracindo se destacou primeiro na grande época da Rádio Nacional, na pele de Albertinho Limonta, personagem principal da radiovonela *O Direito de Nascer*. Dali para os palcos, para as telas e para as telinhas, foi uma evolução natural.

Entre novelas e a minissérie baseada no *Bem Amado*, seu maior sucesso, foram 26 trabalhos na TV e, curiosamente, a mesma quantidade de filmes. No cinema, esteve com Glauber Rocha (*Terra em transe*), Nelson Pereira dos Santos (que co-dirigiu *Balança Mas Não Cai*, baseado no humorístico radiofônico), Bruno Barreto (*Amor Bandido*), entre outros.

Como ator completo, Paulo tinha também verve para a comédia: em *Balança Mas Não Cai*, marcou época no papel do Primo Rico de Brandão Filho, o Primo Pobre. Porém, o maior personagem de Paulo foi o prefeito Odorico Paraguaçu, de *O Bem Amado*, magistral criação de Dias Gomes.



PAULO GRACINDO

IN MEMORIAM

QUINTETO VIOLADO



O ano era 1971 e a MPB vivia não apenas a ressaca pós-tropicalista, mas a censura imposta pelo regime militar à arte e à cultura. Em Pernambuco, um grupo musical surgiu com uma proposta fundamentada nos elementos musicais da cultura regional. Trazia na bagagem trabalhos de pesquisa e a vivência de cada um dos seus integrantes, todos nordestinos. Era o Quinteto Violado.

Quarenta anos depois, os cinco músicos têm uma rica história para contar. O Quinteto percorre o Brasil de ponta a ponta, inspirado na filosofia mambembe. Tem mais de 40 discos lançados aqui e no exterior.

Juntar o popular ao erudito, com pitadas jazísticas, é a marca do grupo, que criou uma nova concepção musical, baseada no contrabaixo, no violão, na viola, nas flautas, nos teclados, na percussão e nas vozes. A maioria das letras é do cancionista popular, que recebe roupagem nova através dos arranjos.

O primeiro disco do grupo foi intitulado apenas *Quinteto Violado* (1972). Seguiram-se clássicos como *Berra Boi* (1973), *A Feira* (1974), *Até a Amazônia?* (1978), *Notícias do Brasil* (1982), *Coisas que o Lua canta* (1983) e *Missa do Vaqueiro* (1991).

O trabalho de voluntariado que Maria Clara Machado realizou como assistente social, com operários das fábricas de tecido, em 1951, no Rio de Janeiro, foi o ponto de partida para a criação do Teatro Tablado. A diretora do Patronato Operário da Gávea, Helena Baiano, percebeu a vocação de Maria Clara para o teatro e pediu que ela ficasse responsável pela diversão das crianças assistidas pela entidade.

Nascia ali a companhia que formou pelo menos duas gerações de atores, diretores, figurinistas, cenógrafos, iluminadores e músicos do teatro carioca. A partir de 1956, o Tablado passa a editar os *Cadernos de Teatro*, publicando peças e material didático sobre espetáculos. O projeto se manteve por cerca de 45 anos, apoiado por instituições públicas e privadas.

TABLADO

O Tablado se tornou referência de escola de teatro que valoriza a arte pelo seu caráter artesanal. A companhia também foi importante centro de difusão da dramaturgia de Maria Clara, com foco em peças voltadas para o público infantil.

Ao longo de pouco mais de 50 anos, o Tablado formou mais de cinco mil atores, entre eles Marieta Severo, Wolf Maya, Louise Cardoso, Miguel Falabella e Andréa Beltrão.



Recifense e de família da aristocracia rural pernambucana, Tereza tinha tudo para seguir uma brilhante carreira apenas nas artes plásticas, mas a política cortou seu caminho. Entrou na Escola de Belas Artes aos 15 anos e expôs, pela primeira vez, no Museu do Estado, conquistando o primeiro prêmio concedido pela Universidade Federal de Pernambuco.

Mas o amor a colocou na direção da militância, ao apaixonar-se por Diógenes Arruda, dirigente do Partido Comunista do Brasil, em 1962. Largou casamento, família, Recife e seguiu com ele para São Paulo, onde se dedicou à arte e aos estudos, formando-se em História na USP.

Em 1969, Diógenes foi preso. Em 1972, foi libertado e o casal seguiu para o Chile, lá ficando até o golpe de 1973, quando, nova-mente, teve de fugir. O destino desta vez seria Paris, onde Tereza e Diógenes viveram seis anos.

Na França, expôs assinando-se Joanna e fez doutorado em História, na Escola de Altos Estudos da Sorbonne. Retornou ao Brasil em 1979 e, pouco depois, Diógenes morre. Sem o amor de sua vida, empreende a volta a Pernambuco. Seu ateliê, na Rua do Amparo, em Olinda, é onde mora e pinta.

TEREZA COSTA RÊGO





Do piano ao teatro, passando pela medicina, pelo jornalismo e chegando à literatura. Não se pode dizer que a vida de Valdemar de Oliveira foi monótona. Aos cinco anos de idade aprendeu a tocar piano e aos 11 era aclamado como prodígio, após concerto no Teatro Moderno, no Recife. A obra que executou foi nada menos que a sonata *Patética*, de Beethoven.

Aos 18 anos, mudou-se para Salvador e começou a flertar com o teatro. Apresentou o espetáculo *Medicina e Sugestão*, ao mesmo tempo em que se apresentava como pianista.

Em 1922, retornou ao Recife onde trabalhou na enfermaria da Santa Casa de Misericórdia como médico dermatologista. Tornou-se professor da cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina de Pernambuco e professor-fundador da Faculdade de Ciências Médicas.

Mas ainda teve tempo de dedicar-se ao teatro. Virou diretor do Teatro Santa Isabel, no Recife, onde esteve por 12 anos. Em 1941, quando a Sociedade Pernambucana de Medicina comemorava o centenário, Valdemar foi chamado a montar uma peça encenada apenas por médicos.

O espetáculo foi um sucesso e a renda destinada à construção da atual sede da SPM, na Praça Oswaldo Cruz, em frente ao antigo Nosso Teatro, hoje Teatro Valdemar de Oliveira.

**VALDEMAR
DE OLIVEIRA**
IN MEMORIAM

Geléia, chocolate, manteiga de amendoim. Não se trata de receita de bolo, mas alguns dos elementos utilizados por Vik em seus quadros. Numa espécie de desafio ao mestre Leonardo da Vinci, reproduziu seus *Mona Lisa* e *Última Ceia* com inusitados e elementos comestíveis.

Vik e os alimentos parecem ter uma estreita ligação. Na série *Sugar Children (Crianças do Açúcar)*, foi a uma plantação de açúcar fotografar filhos dos operários que lá trabalhavam. Voltou para Nova York, copiou os instantâneos, espalhou diferentes tipos de açúcar sobre o papel e fotografou o resultado.

Já na série *Imagens das Nuvens*, Vik trabalhou apenas com a fotografia: contratou um avião de publicidade para que desenhasse, com fumaça, contornos de nuvens no céu. Passou também a se dedicar a telas e esculturas utilizando areia e lixo.

Mais recentemente, o documentário *Lixo Extraordinário*, sobre seu trabalho com catadores em Duque de Caxias (RJ), foi premiado no Festival de Sundance. No Festival de Berlim, em 2010, o filme ganhou em duas categorias: o da Anistia Internacional e do público, na mostra Panorama.

VIK MUNIZ



A estilista Zuzu Angel é um dos símbolos da resistência à brutalidade do regime militar. Seu trabalho transcendeu as passarelas de desfiles. Tornou-se verdadeiro libelo pela liberdade e denúncia contra aquilo que acontecia, em várias unidades do aparato de segurança, àqueles que se opunham ao regime dos generais.

Na moda, Zuzu marcou época e foi, sobretudo, pioneira. Nos seus trabalhos, sempre fez questão de expressar as raízes da cultura brasileira, sobretudo de sua terra natal, Curvelo (MG). Associando materiais de artesanato com a elegância da alta costura, Zuzu superou as barreiras do Brasil e ganhou projeção internacional, principalmente nos Estados Unidos.

Zuzu sabia que corria riscos, que assumiu depois do assassinato de seu filho, Stuart Angel Jones, numa unidade da Aeronáutica. Ela morreu em circunstâncias trágicas e ainda hoje obscuras, em 14 de abril de 1976, na saída do Túnel Dois Irmãos, bairro da Gávea, Rio de Janeiro. Zuzu perdeu o controle do carro, que se chocou contra a mureta de proteção.

ZUZU
ANGEL
IN MEMORIAM



AGRACIADOS DAS EDIÇÕES ANTERIORES

1995

- . Antonio Carlos Magalhães Peixoto
- . Fernanda Montenegro
- . Celso Furtado
- . Joãozinho Trinta
- . Jorge Amado Leal de Faria
- . José Ephim Mindlin
- . José Sarney
- . Manoel Francisco do Nascimento Brito
- . Nise Magalhães da Silveira
- . Oscar Niemeyer
- . Pietro Maria Bardi
- . Ricardo Ancyde Gribel
- . Roberto Marinho
- . Francisco Brennand
- . Carybé
- . Padre Vaz
- . Jens Olesen
- . Joel Mendes Rennó
- . Max Justo Guedes
- . Nélide Piñon
- . Olavo Setúbal
- . Sérgio Motta
- . Walter Moreira Salles

1996

- . Bibi Ferreira
- . Franco Montoro
- . Athos Bulcão
- . Carlos Eduardo Moreira Ferreira
- . Mestre Didi
- . Edemar Cid Ferreira
- . 1º Regimento de Cavalaria de Guarda de Brasília - DF
- . 2º Grupo de Artilharia de Campanha
Autopropulsado de Itu - SP
- . Adélia Prado
- . Antônio Poteiro
- . Antônio Salgado Peres Filho
- . Braguinha
- . David Assayag Neto
- . Diogo Pacheco

- . Dona Lenoca
- . Fayga Perla Ostrower
- . Gilberto Chateaubriand
- . Gilberto João Carlos Ferrez
- . Helena Maria Porto Severo da Costa
- . Hilda Hilst
- . Jorge da Cunha Lima
- . Jorge Gerdau Johannpeter
- . José Ermírio de Moraes Filho
- . José Safra
- . Lúcio Costa
- . Luiz Barreto
- . Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça
- . Maria Clara Machado
- . Mãe Olga de Alaketu
- . Robert Broughton
- . Ubiratan Diniz de Aguiar
- . Wladimir do Amaral Murtinho

1998

- . Abram Abi Szajman
- . Altamiro Aquino Carrilho
- . Antonio Britto Filho
- . Ariano Suassuna
- . Cacá Diegues
- . Mãe Cleusa do Gantois
- . Décio de Almeida Prado
- . Franz Weissmann
- . João Carlos Gandra da Silva Martins
- . José Hugo Celidônio

- . Lily Marinho
- . Milu Villela
- . Miguel Jorge
- . D. Neuma da Mangureira
- . Octávio Frias de Oliveira
- . Olavo Egydio Monteiro de Carvalho
- . Paulo Autran
- . Paulo César Ximenes Alves Ferreira
- . Roseana Sarney Murad
- . Ruth Rocha
- . Ruy Mesquita
- . Sebastião Salgado
- . Walter Hugo Khoury
- . Zenildo Gonzaga Zoroastro de Lucena

1999

- . Abraão Koogan
- . Almir Gabriel
- . Aloysio Faria
- . Ana Maria Diniz
- . Antonio Houaiss (*in memoriam*)
- . Beatriz Pimenta de Camargo
- . Ecyla Brandão
- . Enrique Iglesias
- . Mãe Stella de Oxóssi
- . Ester Bertoletti
- . Hélio Jaguaribe de Mattos
- . João Antunes de Oliveira
- . Hermínio Bello de Carvalho
- . Paixão Côrtes

- . Romero Magalhães
- . J. Borges
- . Angel Vianna
- . Maria Cecília Soares de Sampaio Geyer
- . Maria Delith Balaban
- . Mário Covas
- . Paulo Fontainha Geyer
- . Washington Luiz Rodrigues Novaes

2000

- . Ana Maria Machado
- . Angela Gutierrez
- . Dom Geraldo
- . Dalal Achcar
- . Edino Krieger
- . Elizabeth D'Angelo Serra
- . Firmino Ferreira Sampaio Neto
- . Siron Franco
- . Gianfrancesco Guarnieri
- . Gilberto Gil
- . José Alves Antunes Filho
- . Luiz Henrique da Silveira
- . Luiz Sponchiado
- . Maria João Espírito Santo Bustorff Silva
- . Zezé Mota
- . Ruth Escobar
- . Mário Garofalo
- . Martinho da Vila
- . Nelson José Pinto Freire
- . Paulo Tarso Flecha de Lima

- . Plínio Pacheco
- . Rodrigo Pederneiras Barbosa
- . Sabine Lovatelli
- . Sérgio Paulo Rouanet
- . Sérgio Silva do Amaral
- . Thomaz Jorge Farkas
- . Tizuka Yamasaki

2001

- . Thiago de Mello
- . Arthur Moreira Lima Júnior
- . Catherine Tasca
- . Célita Procópio de Araújo Carvalho
- . Pai Euclides
- . Dona Zica
- . Fernando Abílio Faro
- . Grêmio Recreativo Escola de Samba
Estação Primeira de Mangueira
- . Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano
- . Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela
- . Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos
de Vila Isabel
- . Haroldo Costa
- . Henry Philippe Reichstul
- . Hildmar Diniz
- . Ivo Abrahão Nesralla
- . João Câmara Filho
- . Jamelão
- . Luciana Stegagno Picchio
- . Luiz Antonio Corrêa Nunes Viana de Oliveira

- Lygia Fagundes Telles
- Mestre Salu
- Milton Gonçalves
- Milton Nascimento
- Paulinho da Viola
- Pilar Del Castillo Vera
- Purificación Carpinteyro Calderon
- Sari Bermudez
- Sheila Copps
- General Synésio
- Dona Yvonne Lara

2002

- Ana Botafogo
- Lima Duarte
- Candace Slater
- Carlos Roberto Faccina
- Dalva Lazoni
- Dom Paulo Evaristo Arns
- Editora da Universidade de São Paulo – Edusp
(São Paulo, SP)
- Eduardo Vianna
- Frances Marinho
- Maria Della Costa
- Carequinha
- Grêmio Recreativo Escola de Samba Camisa Verde e Branco, Barra Funda - SP
- Grêmio Recreativo Escola de Samba Vai Vai, Bela Vista - SP
- Guillermo O'Donnell

- Rabino Henry Sobel
- Instituto Pró-Música, Juiz de Fora – MG

- Jack Leon Terpins
- Lelé
- John Tolman
- Dominginhos
- Mestre Juca
- Julio José Franco Neves
- Julio Landmann
- Kabengele Munanga

- Dona Lucinha
- Seu Nenê de Vila Matilde
- Marluay Miranda

- Niéde Guidon
- Borguetinho
- Roberto Carlos
- Roberto da Matta
- Sérgio Kobayashi

- Silvío Sérgio Bonaccorsi Barbato
- Sociedade Bíblica Brasileira, Barueri, SP

- Tania Mariza Kuchenbecker Rösing
- Vitae Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

2003

- Aloísio Magalhães (*in memoriam*)
- Antônio Nóbrega
- Ary Barroso (*in memoriam*)
- Associação das Bandas de Congo da Serra
- Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso
- Associação Folclórica Boi Garantido

- . Benedito Nunes
- . Cândido Portinari (*in memoriam*)
- . Carmem Costa
- . Casseta & Planeta
- . Centro Projeto Axé de Defesa e Proteção
à Criança e ao Adolescente
- . Coral dos índios Guarani
- . Dorival Caymmi
- . Eduardo Bueno
- . Chico Buarque
- . G.R.E.S - Escola de Samba Estação Primeira
de Mangueira – Mangueira do Amanhã
- . Agostinho da Silva
- . Maestro Gilberto Mendes
- . Afro Reggae
- . Grupo Cultural Jongo da Serrinha
- . Grupo Ponto de Partida e Meninos de Araçuaí
- . Haroldo de Campos
- . Jorge Mautner
- . Herbert Vianna
- . Mestre João Pequeno
- . Bené Fonteles
- . Luiz Costa Lima
- . Manoel de Barros
- . Rubinho do Vale
- . Judith Cortesão
- . Marília Pêra
- . Milton Santos (*in memoriam*)
- . Zezé Di Camargo
- . Moacyr Scliar
- . Nelson Pereira dos Santos
- . Projeto Guri

- . Rita Lee
- . Roberto Farias
- . Rogério Sganzerla
- . Velha Guarda da Portela
- . Luciano (Dupla Zezé Di Camargo)

2004

- . Alberto da Costa e Silva
- . Angeli
- . Arnaldo Carrilho
- . Caetano Veloso
- . Quilombo da Serra do Cipó - MG
- . Grupo de Bumba-Meu-Boi do Maranhão
- . Cordão da Bola Preta
- . Danilo Miranda
- . Pelé
- . Liz Calder
- . Fernando Sabino
- . Geraldo Sarno
- . Franco Fontana
- . Frans Krajcberg
- . Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri
- . Inezita Barroso
- . João Donato
- . José Júlio Pereira Cordeiro Blanco
- . Marcia Haydée
- . Vó Maria
- . Lia de Itamaracá
- . Violeta Arraes
- . Maurício de Sousa

- . Movimento Arte contra a Barbárie
- . Odete Lara
- . Olga Pragner Coelho
- . Orlando Villas Bôas (*in memoriam*)
- . Ozualdo Candeias
- . Paulo Mendes da Rocha
- . Paulo José
- . Povo Panará
- . Pracatum - Escola Profissionalizantes de Músicos
- . Projeto Dança Comunidade - Espetáculo
"Samwaad - Rua do Encontro"
- . Pulsar Cia. de Dança
- . Rachel de Queiroz (*in memoriam*)
- . As Ceguinhas de Campina Grande
- . Renato Russo
- . Teatro Oficina Uzyna Uzona
- . Walter Firmo
- . Waly Salomão

2005

- . Association Française D'Action Artistique (Afaa)
- . Alfredo Bosi
- . Ana das Carrancas
- . Antonio Meneses
- . Antonio Dias
- . Augusto Carlos da Silva Telles
- . Augusto Boal
- . Pinduca
- . Balé Stagium
- . Carlos Lopes

- . Circuito Universitário de Cultura e Arte (Cuca)
/ União Nacional dos Estudantes (UNE)
- . Cleyde Yáconis
- . Clóvis Moura
- . Darcy Ribeiro
- . Eduardo Coutinho
- . Egberto Gismonti
- . Eliane Lage
- . Gilles Benoist
- . Grupo Musical Bandolins de Oeiras
- . Henri Salvador
- . Izabel Mendes da Cunha
- . Jean de Gliniasty
- . Jean François Chougnat
- . Jean Gautier
- . João Gilberto
- . Almeida Prado
- . Zé do Caixão
- . Lino Rojas
- . Mestre Bimba
- . Maria Bethânia
- . Mário Carneiro
- . Maurice Capovilla
- . Dona Militana
- . Movimento Manguê Beat
- . Museu Casa do Pontal
- . Nei Lopes
- . Nino Fernandes
- . Xangô da Mangueira
- . Paulo Linhares
- . Raphaël Bello
- . Renaud Donnedieu de Vabres

- . Roger Avanzi
- . Ruth de Souza
- . Silviano Santiago
- . Mestre Pastinha
- . Ziraldo

2006

- . Adriano de Vasconcelos
- . Santos Dumont (*in memoriam*)
- . Dona Teté Cacuriá
- . Amir Haddad
- . Cora Coralina (*in memoriam*)
- . Ana Maria de Oliveira
- . Pepetela
- . Mestre Verequete
- . Banda de Pífanos de Caruaru
- . Berthold Zilly
- . Casa de Cultura Tainã
- . Conselho Internacional de Museus
- . Curt-Meyer Clason
- . Daniel Munduruku
- . Dino Garcia Carrera (*in memoriam*)
- . Emmanuel Nassar
- . Escola de Museologia da UniRio
- . Mestre Eugênio
- . Feira do Livro de Porto Alegre
- . Fernando Birri
- . Grupo Corpo
- . Henry Thorau
- . Intrépida Trupe

- . Ismael Diogo da Silva
- . Johannes Odenthal
- . Josué de Castro (*in memoriam*)
- . Júlio Bressane
- . Laura Cardoso
- . Lauro César Muniz
- . Luiz Felipe de Carvalho Castro Andrès
- . Dona Lygia Martins Costa
- . Mário Cravo Neto
- . Mário Pedrosa (*in memoriam*)
- . Mário De Andrade
- . Ministério da Cultura da Espanha
- . Moacir Santos
- . Museu de Arqueologia do Xingó
- . Paulo César Saraceni
- . Pompeu Christóvam de Pina
- . Centro de Estudos e Ações Solidárias
- . Racionais MC's
- . Ray-Güde Mertin
- . Rodrigo Melo Franco de Andrade (*in memoriam*)
- . Sábato Magaldi
- . Sivuca
- . Tânia Andrade Lima
- . Boi Do Seu Teodoro
- . Tomie Ohtake
- . Vladimir Carvalho

2007

- . Abdias Nascimento
- . Lina Bo Bardi (*in memoriam*)

- . Dodô e Osmar (*in memoriam*)
- . Álvaro Siza Vieira
- . Cartola (*in memoriam*)
- . Walter Smetak
- . Tom Jobim
- . Associação Cultural Cachuera!
- . Escola de Circo Picolino
- . Banda Cabaçal
- . Céline Imbert
- . Cildo Meireles
- . Claude Lévi-Strauss
- . Clube do Choro de Brasília
- . Tostão
- . Solano Trindade (*in memoriam*)
- . Glauber Rocha (*in memoriam*)
- . Grupo Nós do Morro
- . Hélio Oiticica (*in memoriam*)
- . Bárbara Heliodora
- . Hermilo Borba Filho (*in memoriam*)
- . Jean-Claude Bernardet
- . Jorge Ben Jor
- . José Aparecido de Oliveira (*in memoriam*)
- . Judith Malina
- . Kanuá Kamayurá
- . Lia Robatto
- . Luis Otávio Sousa Santos
- . Luiz Alberto Dias Lima de Vianna Moniz Bandeira
- . Luiz Gonzaga (*in memoriam*)
- . Luiz Mott
- . Marcello Grassmann
- . Tônia Carrero
- . Museu Paraense Emílio Goeldi
- . Orides Fontela

- . Programa Castelo Rá-Tim-Bum
- . Cacique Raoni
- . Ronaldo Fraga
- . Grande Otelo
- . Selma do Coco
- . Sérgio Britto
- . Vânia Toledo

2000

- . Ailton Krenak
- . Pixinguinha
- . Johnny Alf
- . Altamar Dutra (*in memoriam*)
- . Anselmo Duarte
- . Bule Bule
- . Apiwtxa
- . ABGLT
- . ABI
- . Yama
- . Benedito Ruy Barbosa
- . Carlos Lyra
- . Centro Cultural Piollin
- . Cláudia Andujar
- . Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- . Dulcina de Moraes (*in memoriam*)
- . Edu Lobo
- . Efigênia Ramos Rolim
- . Elza Soares
- . Emanuel Araujo

- . Eva Todor
- . Giramundo Teatro de Bonecos
- . Goiandira do Couto
- . Hans Joachim Koellreutter (*in memoriam*)
- . Mercedes Sosa
- . Instituto Baccarelli
- . Zabé da Loca
- . João Candido Portinari
- . Guimarães Rosa (*in memoriam*)
- . Sérgio Ricardo
- . Leonardo Villar
- . Marcantonio Vilaça (*in memoriam*)
- . Maria Bonomi
- . Mestres da Guitarrada
- . Milton Hatoum
- . Nelson Triunfo
- . Orlando Miranda
- . Otávio Afonso
- . Paulo Emílio Salles Gomes (*in memoriam*)
- . Paulo Moura
- . Música no Museu
- . Quasar Cia de Dança Ltda
- . Roberto Corrêa
- . Ruy Guerra
- . Tatiana Belinky
- . Teresa Aguiar
- . Vicente Salles
- . Marlene

2009

- . Aderbal Freire-Filho
- . Alexandre Wollner
- . Angela Maria
- . Ataúlfo Alves
- . Balé Popular do Recife
- . Beatriz Sarlo
- . Bispo do Rosário
- . Boaventura de Sousa Santos
- . Burle Marx
- . Carlos Manga
- . Carmen Miranda
- . Chico Anysio
- . Davi Kopenawa Yanomami
- . Debora Colker
- . Elifas Andreato
- . Fernanda Abreu
- . Fernando Peixoto
- . Filhos de Gandhi
- . Fundação Iberê Camargo
- . Gerson King Combo
- . Heleny Guariba
- . Instituto Olga Kos
- . Ivaldo Bertazzo
- . José Eduardo Agualusa
- . José Miguel Wisnik
- . Laerte
- . Luiz Olimecha
- . Lydia Ortélio
- . Mamulengo Só-Riso
- . Manoel de Oliveira
- . Maracatu Estrela de Ouro da Aliança

- . Maria Lucia Godoy
- . Mestre Vitalino
- . Mia Couto
- . Miguel Rio Branco
- . Nathalia Timberg
- . Ney Matogrosso
- . Noca da Portela
- . Osgemeos
- . Patativa do Assaré
- . Paulo Bruscky
- . Paulo Vanzolini
- . Raul Seixas
- . Samico
- . Sergio Rodrigues
- . Teatro Vila Velha
- . Vídeo nas Aldeias
- . Walmor Chagas
- . Zeca Pagodinho

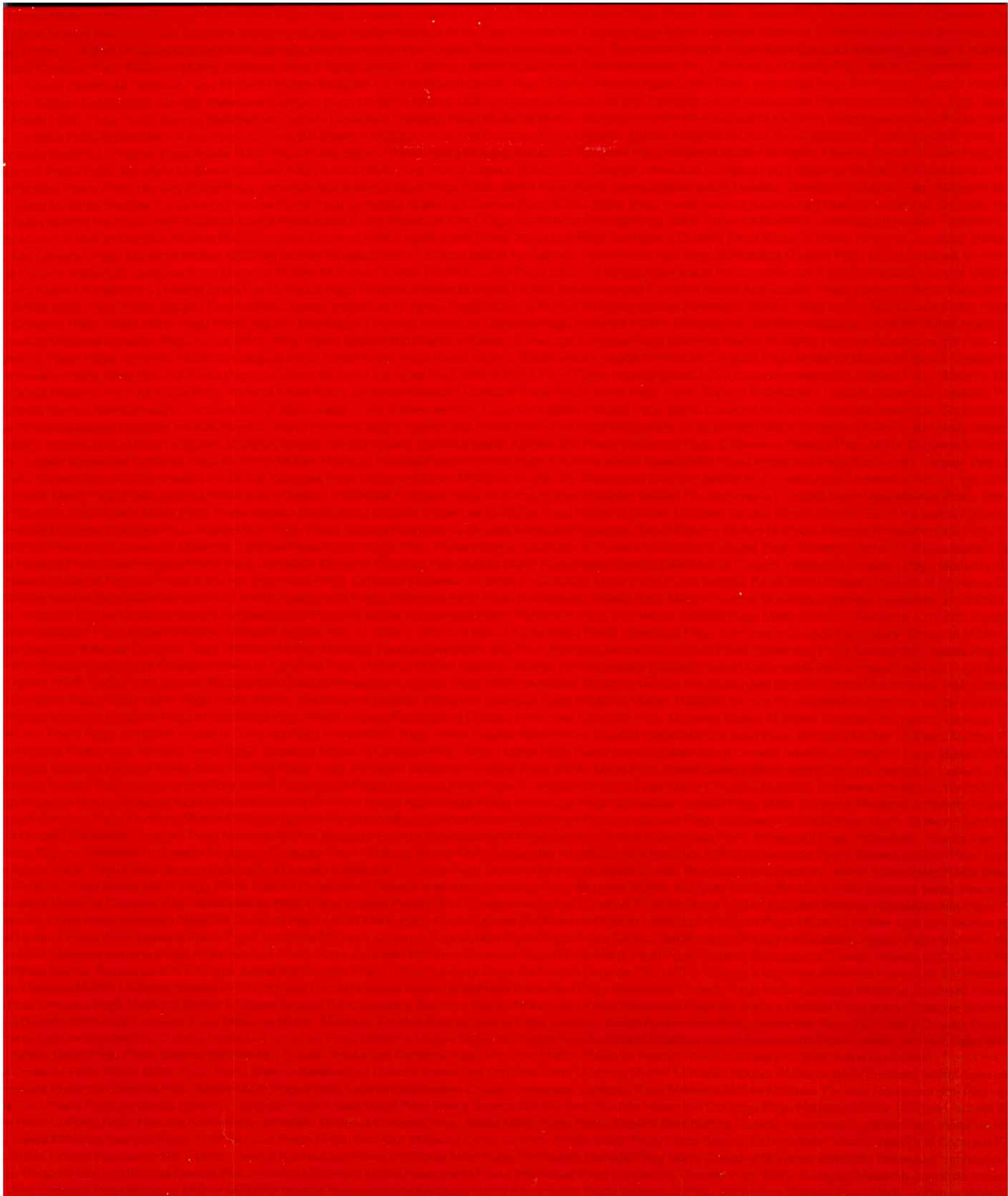
2010

- . Andrea Tonacci
- . Anna Bella Geiger
- . Armando Nogueira
- . Ás de Ouro
- . Azelene Kaingáng
- . Candido Mendes
- . Carlota Albuquerque
- . Cazuza
- . Cesária Evora
- . Companhia de Danças Folclóricas Aruanda

- . Conjunto Época de Ouro
- . Coral das Lavadeiras
- . Carlos Drummond de Andrade
- . Demônios da Garoa
- . Denise Stoklos
- . Dom Pedro Casaldáliga
- . Escuela Internacional de Cine y Television de San Antonio de los Baños
- . Gal Costa
- . Glória Pires
- . Hermeto Pascoal
- . Ilo Krugli
- . Ismael Ivo
- . Ítalo Rossi
- . Jaguar
- . João Cabral de Melo Neto
- . João Carlos de Souza-Gomes
- . Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo
- . Joênia Wapixana
- . Leon Cakoff
- . Leonardo Boff
- . Maracatu Estrela Brilhante de Igarassú
- . Mário Gruber Correia
- . Maureen Bisilliat
- . Maurício Segall
- . Moacir Werneck de Castro
- . Nelson Rodrigues
- . Rogério Duarte
- . Sociedade Cultural Orfeica Lira Ceciliansa
- . Tinoco
- . Vinicius de Moraes

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



DESCUBRA UM PAÍS DE CULTURA
UM BRASIL QUE FAZ A DIFERENÇA

PAÍS
SONHO, LUTA E PAIXÃO

Ministério da
Cultura

